

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

O Parque do Sabiá na cidade de Uberlândia: espaço, lazer
e contradições sociais (1970-1982)

VAGNA MARIA JOSÉ

VAGNA MARIA JOSÉ

O Parque do Sabiá na cidade de Uberlândia: espaço, lazer e
contradições sociais (1970-1982)

Monografia apresentada ao curso de Graduação e
Licenciatura em História da Universidade Federal de
Uberlândia como exigência para obtenção do título
de Bacharel e licenciada em História sob a
orientação da Professora Dra.Célia Rocha Calvo.

Uberlândia
2014

VAGNA MARIA JOSÉ

O Parque do Sabiá na cidade de Uberlândia: espaço, lazer e
contradições sociais (1970-1982)

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Prof^ª. Dr^ª Célia Rocha Calvo

Doutoranda em História – UFU

Janaína Ferreira Silva

Mestranda em História - UFU

Pamela Aparecida Vieira Simão

Dedico esta monografia a meu esposo e companheiro Almir pelo estímulo e apoio incondicional principalmente nos momentos mais difíceis. Aos meus filhos Isabela e Gustavo pelo auxílio e motivação. À minha mãe Luzia (in memoriam) pelo seu exemplo de luta e de vida ensinando valores, e a todos que sempre estiveram ao meu lado acreditando em mim. Essa vitória é dedicada a todos vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade da realização de um sonho, e por ter me ajudando a manter a fé nos momentos difíceis.

À minha família, esposo e filhos pelo incentivo e apoio. Sempre que eu pensava em desistir me davam forças para continuar.

À minha orientadora, Professora Dr^a Célia Rocha Calvo pela reflexão em conjunto, paciência e dedicação compartilhando comigo sua experiência e aprendizado e com seu olhar crítico me ajudou a acreditar na minha capacidade de reflexão histórica.

À minha amiga e companheira de curso Mirian, que comigo compartilhou desabafos, dividiu sorrisos e lágrimas, dando coragem fazendo com que eu acreditasse que a vitória estava próxima. Você estará para sempre em meu coração.

A todos os colegas que aprendi a amar e respeitar durante essa longa jornada de estudos, aos mestres que me ensinaram muito mais do que teorias e técnicas, valores que seguirão comigo em novos desafios.

Às colegas Janaína, Pâmela, Giseli, Juliana, Bianca que compartilharam momentos agradáveis de debates e reflexões nas oficinas de pesquisa no NUPEHCIT (Núcleo de Pesquisa e Estudos em História, Cidade e Trabalho), dividindo experiências, contribuindo para ampliar reflexões sobre a pesquisa histórica.

Quero agradecer também aos funcionários do Arquivo Público Municipal, em especial a Jô e a Marluce, pela disposição nos atendimentos e demonstrações de interesse pela minha pesquisa.

À Universidade Federal de Uberlândia e ao Instituto de História que me permitiu uma convivência diária com colegas e professores do curso, aos funcionários que sempre dedicaram atenção, em especial o nosso querido João Batista pelo carinho e amizade.

Enfim, agradeço aos que de uma maneira ou de outra colaboraram para que eu chegasse até aqui, o meu eterno agradecimento pois essa vitória não foi conquistada sozinha, divido-a com todos vocês!

RESUMO

Essa monografia é resultado de uma pesquisa que pretende contribuir para uma reflexão sobre os sentidos e significados do lazer para a população trabalhadora da cidade de Uberlândia ante a emergência de novos espaços que surgiam na década de setenta, chamando a atenção para o Parque do Sabiá como um espaço criado para a organização de práticas que aconteciam em outros locais públicos da cidade. A intenção é compreender como foram sendo constituídas ao longo do tempo, as experiências, comportamentos e práticas de lazer no espaço urbano, em que locais aconteciam e como se davam as relações instituídas na cidade.

O estímulo em trabalhar com a imprensa entre outros registros sociais investigados tornou-se um desafio, e na medida em que interpretava as fontes ia abrindo mão de certezas para fazer com que meu objeto de pesquisa aparecesse em meio a relações contraditórias na grande dimensão do social.

Através do diálogo com as fontes pude evidenciar que o espaço urbano no período de construção do Parque, passava por intensas mudanças refletindo fortemente nos modos de viver e divertir da população trabalhadora da cidade.

O meu foco de reflexão é a crítica ao poder, mas trago para a centralidade da minha escrita as práticas que existiam e foram modificadas, restringidas e coibidas do espaço público como praças, ruas, córregos e rios que através de uma memória dominante, foram sendo apagados em nome de uma cidade ordeira e progressista que estavam tentando construir.

Palavras-chaves: Lazer, espaço, população trabalhadora.

SUMÁRIO

Considerações iniciais.....	8
Capítulo I: Um parque na cidade, uma cidade num parque.....	18
Capítulo II: Ruas, praças, córregos e rios: lugares de sociabilidade e lazer na cidade.....	40
Considerações finais.....	59
Referências Bibliográficas.....	61
Fontes.....	62/65

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Trenzinho do Parque	19
Figura 2 - Parque Aquático em obras.....	21
Figura 3 - Trilha em meio à mata	22
Figura 4 - Piscinas do Parque	24
Figura 5 - Academia ao ar livre	25
Figura 6 - Panfleto divulgando atividades no Parque.....	26
Figura 7- Planta do local destinado ao Estádio (1971).....	30
Figura 8 - Avenida Rondon Pacheco em fase final de construção	32
Figura 9 – Manchete difundindo as obras do Parque.....	33
Figura 10 – Imagem da população visitante no dia da inauguração do Parque do Sabiá.....	38
Figura 11- Crianças correndo na Praça Tubal Vilela.....	41
Figura 12 - Praça Tubal Vilela na década de 70	43
Figura 13 - Lago da Praça Sergio Pacheco na década de 70	44
Figura 14 - Meninos jogando bola em praça pública.....	46
Figura 15 - Infância pobre retratada nas calçadas do centro.....	48
Figura 16 - Cartão postal retratando o Praia Clube na década de 70	49
Figura 17 - Cachoeira de Sucupira na década de 70.....	50
Figura 18 - Notícia sobre afogamentos nos rios Uberabinha e Cachoeira de Sucupira.....	51
Figura 19 - Rio Uberabinha nas mediações do Bairro Tubalina.....	52
Figura 20 - Programação dos cinemas na década de 70	54
Figura 21- Notas sobre eventos para os trabalhadores nos bairros.....	56
Figura 22 - Manchete divulgando atrações do Praia Clube na década de 70	57

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao longo dessa trajetória de pesquisa, falar do Parque do Sabiá desvinculado da cidade no geral tornou-se tarefa impossível, afinal ele está dentro do contexto urbano sob diferentes formas, tanto no uso que se faz dele pela população trabalhadora, quanto da imagem difundida que o torna um cartão postal da cidade. Dessa maneira, fui compreendendo que não é possível separar o Parque da cidade e a cidade do Parque como um lugar definido para ser o lazer.

São objetivos desse trabalho compreender o Parque do Sabiá hoje como um lugar que substitui os espaços, as práticas criadas nas culturas, nos modos de viver e nas convivências sociais da população na década de setenta. Alguns exemplos disso são as brincadeiras de rua, as peladas nos campinhos de várzea e nas praças, ir aos rios e córregos da cidade para nadar ou fazer piqueniques. Esses espaços consistiam lugares de encontros e sociabilidades num determinado período em que começa a ser instituída pelos poderes dominantes da cidade, a noção de que o lazer deveria ser algo fechado e instituído no Parque.

Hoje se faz tudo isso no Parque, entretanto em horários e calendários definidos por uma política de controle do espaço público que não é algo novo, vem do passado. Não se pode simplesmente chegar ao Parque e nadar nas piscinas ou na represa onde existem normas para seu uso.

Os espaços públicos não são neutros, possuem significados para a população. Pensando nisso, este trabalho visa compreender para além do Parque do Sabiá, através da investigação histórica os sentidos do lazer para a população trabalhadora do uso que se fazia de espaços urbanos que existiam e que aos pouco foram sendo remodelados em nome de uma política desenvolvimentista que crescia sob o avanço e pressões de grandes grupos de poder. Nessa perspectiva, busco investigar o sentido, a historicidade desses locais urbanos de lazer através de diálogos e reflexões com registros sociais do passado onde historicamente fui percebendo que alguns setores dominantes da cidade com suas estratégias de poder iam privatizando espaços públicos em nome de uma política desenvolvimentista para a cidade.

O primeiro passo foi buscar trabalhos historiográficos sobre o Parque do Sabiá e, assim, procurei o Centro de Documentação em História (CEDHIS), onde percebi que essa temática não era algo novo. Lá percebi que estudiosas como F. G. Pierini e S.S. Oliveira, entre outros pesquisadores, também voltaram seus olhares para esse imenso Parque na cidade por compreenderem as amplas dimensões que esse local urbano de lazer oferece no campo da pesquisa histórica.¹

A orientação da Professora Dra Célia Rocha Calvo que com encontros, diálogos e reflexões que nortearam caminhos, indicou leituras para que eu pudesse ampliar reflexões sobre as relações urbanas e a pensar na escrita histórica. Desta forma, busquei fundamentos teóricos de autores que se tornaram para mim leitura obrigatória, como E.P. Thompson, H. Lefebvre, Dea Fenelon, R. Rolnik, M. E. Barbosa, B. Kossoy entre outros estudiosos que constituíram ferramentas importantes contribuindo para que eu pudesse pensar os múltiplos significados que o urbano nos oferece no campo da pesquisa e da produção do conhecimento histórico.

Por eu ser uma dessas filhas de trabalhadores migrantes que vieram para esta cidade na década de setenta em busca de melhores condições de existência, falar do Parque na cidade foi enriquecedor, pois vivenciei na prática as experiências e as grandes transformações urbanas do período. Talvez, por isso, esse trabalho traga em algum momento uma dose de subjetividade por me “trazer” reminiscências do passado que guardo com bastante carinho.

Desde o início da graduação, sempre me interessei por temas que envolvem a História social, principalmente sob o ponto de vista dos de baixo, ou seja, aqueles que são “deixados” à margem da sociedade e que reclamam por um lugar mais amplo dentro do contexto da História Social. Nesse sentido, FENELON trouxe contribuições significativas para que eu pudesse pensar que, enquanto pesquisadores, devemos sempre procurar “*ver a história vista de baixo mais que a partir dos dominantes e tratar a experiência ou as vivências mais que os eventos sensacionais*”.²

Sob esse prisma, essa reflexão nasceu em parte de uma ideia elaborada no ano de 2011, agregada a meu projeto de pesquisa apresentado como requisito à disciplina MTPH do Curso

¹ PIERINI, Fabiana Gomes. Relações do homem com o mundo natural: O Zoológico Parque do Sabiá na cidade de Uberlândia-MG. (1982-1992) Monografia apresentada ao curso de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Junho, 2004. OLIVEIRA, Sueli Silva. Parque do Sabiá: um espaço de sociabilidade e lazer. Monografia apresentada ao curso de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, ano 2006.

² FENELON, Dea Ribeiro. Cultura e história social: historiografia e pesquisa. In: Projeto História 10. Revista do programa de estudos Pós-Graduados em História e do departamento de História da PUC/SP, 1993, pp. 73-90

de Graduação e licenciatura em História da Universidade Federal de Uberlândia. A ideia tinha a ver com a intenção e vontade de compreender as relações de trabalho poder e classe social que envolvem esse imenso espaço urbano de lazer na cidade, as experiências vividas pelos trabalhadores do Parque, enfim, investigar o contraditório que o Parque compartilha, onde, enquanto uns vão até o local para se divertir, outros trabalham, retiram suas condições materiais de existência, como os vendedores ambulantes, tratadores de animais, entre outros trabalhadores.

Para pensar a produção do conhecimento histórico, não apenas no que tange a escolha de um método e técnicas, mas aquela que seja capaz de apreender e incorporar experiências vividas³, o ponto de partida para esse processo de investigação constituiu em visitar o Arquivo Público Municipal de Uberlândia, um lugar instituído onde se guarda a documentação recolhida e selecionada por esse considerado “guardião da memória” que representa a voz viva e autorizada da cidade. A intenção era saber como os trabalhadores do Parque “apareciam” nos registros sociais como a imprensa escrita.

Entretanto, após longas investigações, não encontrei ali a voz dos que trabalham e sim o contraditório das relações vividas. Incomodava-me a ideia de que se o Parque era um espaço para todos, pois se realmente era, por que eles não apareciam? Essas indagações foram aos pouco movimentando e redimensionando minha pesquisa. Ao longo desse processo, busquei em outros registros para além dos jornais, como a documentação da Prefeitura Municipal, cartões postais, fotografias entre outras fontes onde fui apreendendo o Parque dentro das relações urbanas vividas pela população trabalhadora, num processo lento e árduo de investigação e leituras a contrapelo.

Nesse sentido, o Parque do Sabiá, como objeto dessa reflexão, será compreendido como agente portador de historicidades e experiências sociais urbanas contraditórias que, conforme fui percebendo, ia ganhando materialidade na medida em que tornava alvo de destaque em manchetes de primeira página de jornais de maneira espetacular. Desta forma, busco compreender o Parque como um agregado urbano que vai surgindo em meio a intensas mudanças que para nós historiadores possuem significados e sentidos amplos, memórias e histórias que não devem permanecer ocultas. Nessa expectativa, tornou-se necessário ampliar

³ VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha, KHOURY, Yara Maria Aun (org) Documento como expressão da experiência humana. In: A Pesquisa em História. São Paulo: Editora Ática, 1991. pp. 17-18

reflexões por entender que o Parque do Sabiá agrega uma gama de relações que ultrapassam seus alambrados, invoca reflexões sobre o passado.

Ao longo dessa trajetória, mediante fundamentos teóricos de autoras como FENELON, foi possível compreender que o espaço urbano não se faz por si mesmo, as imagens de uma cidade estão impregnadas de memórias e significados que são construídos pela ação humana, carregam historicidades, engendram conflituosas relações que segundo essa autora, podem ser definidas como um processo de dominação e resistência. E para FENELON, perceber essas transformações é campo privilegiado do historiador que procura examinar os embates, a correlação de forças, enfim, as relações de poder e subordinação que aí vão se desenvolvendo.⁴

Sob essa perspectiva, resolvi pensar o Parque como um todo dentro do contexto urbano, não apenas no que tange seu aspecto físico, mas chamando a atenção para a natureza humana que compartilha esse espaço no seu ir e vir, seja pela pista de caminhada ou pelas passarelas naturais em meio aos seus imensos bosques verdejantes.

Nessa trajetória, a partir de indagações do presente, direcionei meu olhar para o passado, na expectativa de encontrar respostas em noticiários sobre a constituição desse imenso Parque urbano e de que maneira esse agente “aparecia” nos registros sociais no período de sua construção. Entretanto, percebi que ele não apontava na maneira como eu esperava encontrar com seus trabalhadores braçais, mas de uma maneira preponderante sobre a cidade.

Munida com a “lente do historiador” e de luvas em punho já um tanto gastas, busquei encontrar nas frestas da documentação, voltando minha atenção cada vez mais para o passado até chegar o início da década de setenta, seguindo os rastros deixados pelos homens de seu tempo aquilo que procurava. Após longas tardes de pesquisa no Arquivo Público Municipal, aos poucos, fui percebendo que a população trabalhadora da cidade ia emergindo nos registros sociais numa leitura a contrapelo em forma de subordinação e controle social do espaço público, e o que predominava na cidade do período era uma sociedade extremamente elitista.

Nessa leitura de época, os registros e materiais encontrados constituíram para mim fontes importantes de análise para que pudesse refletir historicamente como se deu o processo da criação do Parque e, assim, poder encontrar sua relação com a população trabalhadora da

⁴ FENELON, Déa Ribeiro. Introdução. In: Cidades, Pesquisa em História. Programa de Estudos Pós-Graduados em História. PUC/SP. São Paulo: Olho D'Água. 1999. pp. 5-13

cidade. Foi nesse viés que fui encontrando as experiências sociais de pessoas comuns, os modos de vida, de ser e de se divertir dos trabalhadores da cidade.

Na maneira como ia dialogando com as fontes, percebi que não dava para separar a criação do Parque com a vida social da cidade. Nessa expectativa, fui encontrando o contraditório no emaranhado das relações, numa organização da vida social da cidade em que agentes da imprensa difundiam largamente com linguagens preponderantes que o Parque do Sabiá surgia como um novo espaço constituído na cidade para fins sociais, e conforme diziam, o alvo era o lazer dos operários e trabalhadores da cidade com suas famílias.

E como um estranho paradoxo, fui percebendo que apesar da linguagem da imprensa difundir que o Parque era para os trabalhadores, no entanto, eles não apareciam nas manchetes como protagonistas. A partir de então, o maior desafio constituiu em procurar através de diálogos e reflexões com esses registros, descortinar, desconstruir significados dados pelas classes dominantes e encontrar o sentido para os vencidos.

Ao longo dessa investigação, foi possível perceber que as relações de disputas pelo espaço público apontadas pelos registros sociais ia demonstrando que as desigualdades sociais urbanas estavam sendo tecidas num emaranhado de relações conflituosas e tensões contraditórias. Foi possível perceber paralelos onde enquanto os poderes públicos com seus interesses em consonância com a imprensa iam se destacando como agentes de dominação sobre os dominados, ao mesmo tempo, imagens e discursos eram amplamente disseminados para dar entrada a novas configurações, como a inerência de novos espaços urbanos que começavam a despontar nos horizontes da cidade como a Avenida Rondon Pacheco, o Parque do Sabiá entre outras “grandes obras” difundidas.

Nesse aspecto compartilho, tomo reflexões teóricas de historiadoras como BARBOSA quando em seus estudos sobre História, imprensa e memória refere que os agentes da imprensa vão construindo e disseminando seus próprios sentidos dentro das redes de organização e articulação com a sociedade, com interesses contraditórios.⁵

Posicionando-me dentro dessa perspectiva, tornou-se necessário interrogar criticamente as evidências para tentar encontrar os sentidos políticos que ali estavam sendo disseminados e, assim como BARBOSA, buscar desvendar nos fatos representados, as ações desses agentes

⁵ BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. Sobre História: Imprensa e memória. In: Outras Histórias: Memórias e Linguagens. Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury (orgs.) pp. 262-266

da imprensa com suas formas de reproduzir intervenções. Nessa linha de pensamento, busquei compreender que o mundo da imprensa e da mídia de um modo geral é produzido socialmente num campo de disputas. Nos interstícios desses registros sociais foi possível perceber que as imagens disseminadas pelos jornais sobre a construção do Parque estavam extremamente vinculadas a interesses de grupos dominantes da cidade. Nessa reflexão, foi necessário problematizar esse material histórico, procurar descortinar e desvendar indagações que surgiam.

Ampliar reflexões faz parte da história e, ao me dar conta disso, meu objeto de pesquisa foi sendo redimensionado de acordo com perguntas que iam surgindo. Nessa expectativa, as fontes foram me indicando caminhos a percorrer, as questões colocadas aos materiais foram me impondo escolhas, e tal como E. P. Thompson, “*nos conduzindo ao encontro da lógica histórica*”.⁶

Com base nessa proposição, E. P. Thompson orienta que a história não pode ser construída partindo de aparelhos mecânicos que apenas nos dão certa apreensão do processo social. E, assim, tornou-se necessário refletir criticamente atentando para as particularidades das fontes, pois a história como processo segundo THOMPSON, carrega em seu bojo as contradições da vida social, política, econômica e intelectual. E a nós cabe a responsabilidade de levar em conta todas essas dimensões, seja valorizando saberes ou incorporando experiências de vida. Essas considerações de THOMPSON foram aos pouco traduzindo e dando significados ao meu trabalho como pesquisadora.

Sob essa perspectiva, tornou-se necessário “penetrar” nos silêncios da documentação para tentar romper com as fronteiras do desconhecido e, assim, procurar trazer à tona as experiências sociais, os comportamentos de sujeitos comuns, estudar seus costumes, maneiras de ser e sentir e, tal como enfatiza THOMPSON, abstrair uma certa apreensão do processo social dentro do cotidiano das relações vividas.⁷

Nesse sentido, fui percebendo que deveria estar atenta às particularidades das fontes, aos detalhes que para muitos poderiam ser considerados aparentemente irrelevantes, mas que podem possuir significados sociais profundos se nos dermos conta de nossa responsabilidade

⁶ THOMPSON, E.P. “Intervalo: a lógica histórica.” A Miséria da Teoria; ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, pp. 47-62

⁷ THOMPSON, E.P. O termo ausente: Experiência. In: A miséria da Teoria. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A. 1981, pp 180-201

em tentar enxergar as múltiplas possibilidades de reflexão que a pesquisa histórica nos oferece no emaranhado da rede das relações humanas.

Mediante esse quadro de reflexões, decidi ampliar horizontes, buscar a história social em seu movimento, compreendendo que ela possui um vasto campo de possibilidades. Dessa maneira, os registros sociais investigados tornaram alvo de reflexões para que eu pudesse buscar nas fendas e interstícios, os significados e sentidos do lazer para os trabalhadores da cidade e trazer para a cena histórica pelo viés dos sujeitos comuns, esses atores sociais que tentaram ser silenciados por grupos de poder na cidade.

A história como prática e construção humana possui sentidos e significados que necessitam ser acordados. Nesse sentido, trabalho na perspectiva de que, como historiadores, nos cabe a responsabilidade de fazer emergir e trazer à tona essas experiências sociais de vida. A pesquisa em história requer trabalho e dedicação, e assim fui compreendendo que

“fazer história como conhecimento e como vivência, é recuperar a ação dos diferentes grupos que nela atuam.”⁸

Portanto, não dá para fazer história sem pensar a ação humana. Os fenômenos históricos possuem movimentos, evidenciam contradições, exigem dedicação, tarefa árdua do historiador e, com esse trabalho, não foi diferente.

Fundamentada em reflexões teóricas, fontes históricas como a imprensa constituíram para mim um importante manancial de análise, ela pode ser considerada um elo importante entre o presente/passado, nos fornece elementos, apontamentos sobre uma determinada sociedade. E ao interrogar esses registros, o faço na perspectiva de BARBOSA, quando nos coloca que primeiro é preciso buscar compreender os mecanismos e a organização que engendra esses agentes da imprensa, analisar seu conteúdo e linguagens para somente depois procurarmos desvendar para além da escrita dos jornais, quais são os sentidos e a articulação que esses grupos de poder tendem a agir sobre seus leitores.⁹

Com base na visão dessa autora, fui compreendendo que o pesquisador ao trabalhar com jornais precisa refletir que o mundo da imprensa é produzido socialmente num campo de

⁸ VIEIRA, Maria do Pilar Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. (orgs.) Introdução. In: A Pesquisa em História. São Paulo: Editora Ática, 1991. p. 11

⁹ BARBOSA, Marta Emília Jacinto. Sobre História: Imprensa e Memória. In: Outras histórias: memórias e linguagens (org) Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury. São Paulo: Olho D'água. 2006. pp 262-272

disputas, necessita fazer emergir não somente fatos e informações de grupos de poder, mas deve buscar nos interstícios dessa documentação as ações de sujeitos que vivem experiências desiguais em meio a interesses antagônicos. BARBOSA colabora para essa reflexão quando diz que o nosso papel consiste em procurar desvendar as formas de representação, pensar a força ativa que a imprensa exerce sobre as pessoas através de seus mecanismos e articulações com os grupos dominantes e suas práticas que tendem a provocar no leitor uma visão de que esses meios de difusão “podem tudo”.

Problematizar esse tipo de fonte não é tarefa fácil, requer trabalho e constitui desafios intensos, entretanto, bastante prazerosos. Nesse processo, procurei analisar criticamente a natureza social, a ideia de que os agentes da imprensa ao difundirem suas matérias, selecionam o que deve ser lembrado ou esquecido, agem o tempo todo como se fossem os donos da memória.

Nesse campo de visão, ao pesquisar sobre a constituição de novos espaços urbanos que emergiam na cidade no período recortado, foi preciso levar em conta as relações sociais que, de acordo com FENELON, vão aos pouco definindo o panorama, os novos cenários urbanos. Conforme nos indica,

*“ São as relações sociais desenvolvidas na cidade que, em última análise acabam por definir e delinear a paisagem urbana, a imagem da cidade. Ao buscar estas imagens estamos conscientes de que elas estarão sempre impregnadas de memórias e de significações que se constroem mas também se modificam pelas experiências e vivências sociais posteriores, exprimindo diferentes temporalidades.”*¹⁰

Tendo em vista todos esses aspectos, compreendi que o espaço urbano não se faz por si mesmo, ele engendra conflituosas relações que podem ser interpretadas como processos de dominação e resistência. E conseguir perceber essas mudanças é campo privilegiado do historiador que vai procurando examinar os embates, a correlação de força e as relações de poder e subordinação que aí vão se desenvolvendo. Desta maneira, FENELON vai fornecendo elementos teóricos importantes para refletirmos que são as lutas de classes sociais que acabam reforçando o sentimento de pertencimento dos moradores de uma cidade que com suas ações vão constituindo a cultura urbana.¹¹

¹⁰ FENELON, Déa Ribeiro. Introdução. In: Cidades, Pesquisa em História. Programa de Estudos Pós-Graduados em História PUC/SP. São Paulo: Olho D'água. 1999.p.6

¹¹ Idem. pp.5-13

Sob esse ponto de vista LEFEBVRE dialoga, discute que dentro do espaço urbano é necessário haver lugares apropriados para as festas, desfiles, passeios e diversões. Entretanto, esse autor chama a atenção que a vida urbana não constitui apenas de encontros, ela pressupõe conflitos, confrontos e diferenças.¹²

Os registros e materiais encontrados sobre o passado constituíram para mim uma valiosa fonte de análise, documentos de um determinado tempo histórico. As imagens observadas através da imprensa, assim como as fotografias de época encontradas no Acervo do Arquivo Público Municipal, permitiram possibilidades de leituras, constituíram importantes ferramentas para que eu pudesse ter uma noção da representação do real. Isso deve-se a fato de as imagens fotográficas, segundo KOSSOY, podem ser consideradas tão importantes como qualquer outro documento produzido pela ação humana, possuem atrás de si uma memória histórica.¹³

Em virtude desse exposto, o presente trabalho está organizado em dois capítulos. No primeiro, *“Um parque na cidade, uma cidade num parque”*, parto de reflexões do presente, do real apreendido a partir de visitas ao Parque do Sabiá onde, com olhar de historiadora, começo a problematizar os sentidos que a população atribui ao uso desse espaço urbano. Nessa caminhada, apresento o Parque do Sabiá trazendo para a escrita, as minhas percepções e impressões sobre o que é andar por esse Parque.

Nesse campo de visão, faço um levantamento sobre os aspectos físicos e características naturais, localização e componentes procurando descrever as impressões e percepções que o Parque provoca na população, o perfil dos usuários, enfim o investimento simbólico que se tem ali. Nessa perspectiva, busco investigar como isso é propagado nos meios de difusão oficial como o Portal da Prefeitura Municipal na internet entre outros registros sociais, como jornais, panfletos de propaganda divulgados e distribuídos pela cidade onde procuro problematizar os sentidos disseminados.

Para buscar respostas às indagações que surgiam e acompanhar como se deu a historicidade dessa produção de sentido para o uso desse espaço urbano, o modo como essas relações foram se constituindo ao longo do tempo, procuro o Arquivo Público Municipal, em que encontro registros da década 70 que vão me mostrando a historicidade dessa construção.

¹² LEFEBVRE, Henri. Industrialização e Urbanização. Nocões preliminares. In: O Direito à cidade. São Paulo, Editora Moraes Ltda, 1991 p.12

¹³ KOSSOY, Boris. Procedência e Trajetória do Documento Fotográfico. In: Fotografia e História. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. P.74

Nos registros encontrados pude perceber que os materiais reforçam a imagem produzida e propagada pelo poder público em que o Parque aparece como sendo um lugar fechado, restrito de práticas chamadas de lazer.

No segundo capítulo intitulado “*Ruas, praças, córregos e rios: lugares de sociabilidade e lazer na cidade*”, faço uma reflexão partindo do presente/passado onde volto meu olhar para a década de setenta, em que procuro investigar quais os lugares públicos existiam para o lazer dos trabalhadores na cidade antes da construção do Parque do Sabiá. Nessa jornada, busco problematizar os sentidos para os trabalhadores e quais as outras práticas sociais de diversão existiam nos modos de viver, nas redes de sociabilidade da população trabalhadora no uso do espaço público. Enfim, busco pesquisar o que a cidade oferecia em termos de lazer nas suas convivências sociais e qual o papel da imprensa na divulgação dessas práticas que ao longo do tempo foram apagadas, restringidas dos espaços públicos e remodeladas em nome da cidade ordeira e progressista que crescia sob o avanço e pressões de grupos dominantes da cidade.

Nesse viés, procuro através do diálogo com a documentação, refletir criticamente sobre as coibições, a retirada dessas práticas e comportamentos que se davam no centro da cidade e de que maneira a memória foi sendo tecida historicamente a partir de intervenções do poder público. O objetivo é compreender como a noção de lazer foi começando a aparecer em meio à intensas mudanças e transformações do espaço.

Nesse capítulo, retomo a documentação do Arquivo Público Municipal como os jornais e documentos oficiais da Prefeitura, além de dialogar com imagens e cartões postais do período entre outros registros que retratam os comportamentos, modos e práticas que foram restringidas no centro, e para quem eram destinados.

Ao longo desse percurso de investigação, vou procurando demonstrar como as leituras teóricas realizadas durante o processo de investigação foram ganhando materialidade na medida em que fui dialogando e interpretando as evidências.

CAPÍTULO I

Um parque na cidade, uma cidade num parque.

Final de semana, num desses dias em que é considerado dia de descanso, principalmente, para a população trabalhadora da cidade, eu, enquanto pesquisadora, caminho pelo imenso parque onde posso sentir o frescor que emana de seus bosques e das intensas áreas verdes que abrigam uma diversidade de pássaros que saem em revoada ao menor sinal de ruído fugindo apressados em meio às majestosas copas das árvores.

Com o olhar de quem observa, de quando em vez, ouço o burburinho das águas dos lagos formado por águas cristalinas quebrando a monotonia daquele ambiente que inspira paz e sossego a quem passa por ali. Não muito longe, posso perceber ruídos vindos do Zoológico, onde animais exóticos constituem um amplo recanto do parque destinado aos visitantes.

Nessa caminhada, me entretenho a observar crianças correndo e fazendo algazaras em direção ao parquinho infantil denominado “*O mundo da criança*” ou então querendo “pegar” uma carona no trenzinho que vai partindo abarrotado de gente para conhecer o Parque do Sabiá ¹⁴, localizado na cidade de Uberlândia ¹⁵, Estado de Minas Gerais.

Andando por esse Parque é possível perceber que o espaço oferece amplas possibilidades de recreação como o Zoológico. Visitantes com suas famílias podem ver dezenas de espécies de animais em cativeiro, além dos campos para a prática do futebol de grama, quadras poliesportivas, estação de piscicultura com vários tanques, bosques para piqueniques, pista para corrida e caminhada, piscinas, lagos e represas entre outras tantas atrações que deslumbram os frequentadores que ali vão em busca de diversão ou prática esportiva.

¹⁴ O Parque do Sabiá está localizado no setor leste da Zona Urbana de Uberlândia, com área total de 184 hectares, no Bairro Tibery. Informações obtidas através do Banco de Dados Integrados vol. I, ano 2011. “Áreas protegidas pela legislação ambiental. Unidades de conservação”. Secretaria Municipal de Planejamento Urbano. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/1428.pdf>. Acesso em 06 Agosto 2012

¹⁵ Idem. Uberlândia se encontra localizada na região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, Estado de Minas Gerais, Região Sudeste do Brasil. É uma cidade que pelas condições de localização geográfica e topológica, experimentou nas últimas décadas um grande crescimento populacional e econômico em relação ao contexto geral de Minas Gerais e do Brasil.



Figura 1- Tremzinho do Parque lotado de adultos e crianças para conhecer o Parque. Reprodução de uma imagem fotográfica capturada por mim em: 05-02-2012.

O Parque do Sabiá abriga centenas de espécies de plantas típicas do cerrado que compõem uma vegetação riquíssima, é um lugar livre e público instituído para a prática desportiva e de lazer contemplativo em consonância com o meio natural.

Partindo dessas observações, questões inquietantes passaram a me incomodar, pois se o Parque representa tudo isso para o lazer da população, como isso é propagado? Quais os sentidos disseminados pelos poderes municipais à população?

Com essas indagações, ao sair do Parque, fui à busca de materiais de propaganda na expectativa de saber de que forma os registros sociais difundem esse espaço de lazer. Nesse processo de investigação, o site da Prefeitura na internet constituiu fonte importante de análise, em que foi possível perceber que as imagens difundidas sobre o Parque do Sabiá são retratadas com espaços definidos para todas as idades como a “cidade da criança”, o “recanto do idoso” entre outros locais propagados.

Ao pensar os parques municipais como um todo, percebi que eles são referências importantes para o lazer da população em finais de semana ou feriados, ganham expressivas paisagens do cerrado em ambientes que constituem verdadeiros recantos para as pessoas que os visitam.

A cidade de Uberlândia com sua natureza exuberante, além do Parque do Sabiá que será contemplado como objeto dessa reflexão, possui também outros parques ecológicos como o Parque Municipal Santa Luzia, o Parque Natural Municipal Victório Siquierolli, entre outros locais amplamente difundidos pelos poderes municipais que buscam demonstrar, divulgar a ideia de que esses lugares urbanos proporcionam qualidade de vida para a população.

Segundo o site da Prefeitura Municipal através do link da Secretaria do Meio Ambiente, esses espaços verdes agregados à cidade de Uberlândia somam um total de 2,8 milhões de metros quadrados e ocupam em média 2% do perímetro urbano.¹⁶ Sob o ponto de vista da história social podemos pensar que essas paisagens compõem também relações que são vividas ali. O Parque do Sabiá constitui determinados usos do tempo livre da população trabalhadora da cidade, que é o do sábado, domingo ou feriados.

A movimentação no Parque do Sabiá é grande durante todo o ano e em período de férias é ainda maior. O Parque recebe de segunda a sexta-feira cerca de quinze mil pessoas diariamente, cinco mil a mais do que em outros períodos. Aos sábados, domingos e feriados, são três mil frequentadores a mais, o número chega a vinte e três mil. De acordo com a direção da Fundação Uberlandense de Turismo, Esporte e Lazer (FUTEL),¹⁷ administradora do Parque, o período de férias escolares contribui significativamente para esse fluxo no Parque, ainda mais no horário de verão que torna o dia mais longo, prolongando por mais tempo a estadia dos visitantes no Parque.¹⁸

Nesse processo de investigação foi possível perceber que não é só o Parque que funciona ali, ele faz parte de um imenso Complexo que compõe e instrumentaliza outros elementos agregados, como o Estádio de futebol “João Havelange” que, segundo os registros investigados, é considerado o segundo maior do Estado de Minas Gerais. A seu lado está o Ginásio Municipal “Tancredo Neves”, o popular “Sabiázinho” que, de acordo com esses meios de difusão, conta com uma das mais modernas arenas multiuso do Brasil com capacidade para oito mil pessoas sentadas e acomodadas.¹⁹ Junto ao Ginásio, está sendo construído o Polo Aquático que, quando pronto, contará com uma infraestrutura adequada e completa para competições. No local está sendo construída uma piscina olímpica equipada

¹⁶ Parques Municipais de Uberlândia. Portal da prefeitura Municipal de Uberlândia. Link Secretaria e órgãos. Secretaria do Meio Ambiente. Disponível em:

<<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=secretariasOrgaos&s=51&pg=147>>. Acesso em: 15-10/2013

¹⁷ Criada pela Lei nº 2.759 de 27 de março de 1978. Cria a Fundação Uberlandense do Turismo, Esporte e Lazer (FUTEL). Processo 4100, ano 1978, cx. nº 201. Processos da Câmara Municipal de Uberlândia. Arquivo Público Municipal.

¹⁸ Número de frequentadores do Parque do Sabiá aumenta nesta época do ano. Jornal web. Farolcomunitário. Rede web de informação e cultura. Uberlândia, 08-01-2010. Disponível em: <<http://uberlandia-minas.blogspot.com.br/2010/01/-de-frequentadores-do-parque-do.html>>. Acesso em 07-10-2012

¹⁹ Estádio Municipal João Havelange. Portal da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Secretaria do Meio Ambiente. Futel. Disponível em: < <http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=Futel&id=712>>. Acesso em 10-10-2013

com nove raias oficiais onde também pretendem sediar competições internacionais. De acordo com esse registro, esse novo espaço

*“...é mais uma obra da Prefeitura de Uberlândia para criar mais um espaço para a prática e competição esportiva, no Complexo”.*²⁰



Figura 2 - Reprodução de uma Imagem fotográfica da obra de construção do Polo Aquático tendo como plano de fundo, a visão do Ginásio “Sabiazinho” como partes integrantes do Complexo. Imagem capturada por mim em 12 de maio de 2012

Tendo em vista os aspectos observados, no contexto geral, é possível perceber que o Complexo Parque do Sabiá constitui relações na cidade na noção do tempo livre, do lazer vinculado ao esporte. O Estádio de Futebol, o Ginásio Sabiazinho, o Parque Aquático (em obras), são exemplos que agregam essa concepção de polo, de diversão pensada no lazer enquanto esporte.

Através do diálogo com esses registros oficiais, somos levados a acreditar que esses projetos para o Parque podem ser entendidos como propostas aliadas a uma perspectiva política desenvolvimentista advindas das classes dominantes da cidade, onde pretendem através dessas atuações, divulgar suas façanhas e perpetuarem suas ações de poder. Nesse sentido, o Complexo Parque do Sabiá pode ser refletido como um instrumento que atribui amplos sentidos que ali são projetados para seu uso.

Na busca por materiais de propaganda sobre o Parque, fui encontrando através desse Portal da Prefeitura²¹, imagens bastante sedutoras do Parque, onde imagens e linguagens

²⁰ Parque Aquático. Fundação Uberlandense do Turismo, Esporte e Lazer de Uberlândia (FUTEL). Prefeitura Municipal de Uberlândia. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/6019.pdf>. Acesso em: 17-10-2013

²¹ Complexo Parque do Sabiá. Portal da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Link Secretaria e órgãos. Secretaria do Meio Ambiente. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=secretariasOrgaos&s=51&pg=144>>. Acesso em: 03-10-2013

privilegiam em primeiro plano os aspectos físicos e ambientais com suas exuberâncias naturais, chamando a atenção para a beleza das imensas áreas verdes e lagos compostos por águas cristalinas. Nesse sentido, incomodei-me com a ideia de que o espaço físico do Parque vai aparecendo como protagonista em detrimento da natureza humana. Nesse registro investigado se mantém uma ideia de que o Parque do Sabiá pretende ser um cartão postal da cidade, que deslumbra, traz a noção de uma cidade ordeira, limpa e organizada.

Ao longo desse processo de investigação, fui percebendo que essa imagem difundida do Parque na cidade vai sendo continuamente repetida nos registros analisados. E, na maneira como isso é propagado, os poderes públicos municipais vão traduzindo sentidos, o Parque vai sendo definido como um lugar para o lazer que se configura na realidade. Nesse sentido, procuram demonstrar que o lazer está vinculado ao esporte disseminando a ideia de que para a atividade física não existe nada melhor do que sua pista para caminhada e corrida asfaltada, de uma extensão de 5.100 metros que norteia todo o Parque.

E para aqueles que preferem caminhar mantendo um contato mais próximo com a natureza, o Parque oferece outras opções como as trilhas de terra em meio à mata que leva o visitante aos mais variados recantos. Nelas, o usuário tem o privilégio de fazer caminhadas respirando ar puro, o aroma de eucaliptos que emanam de suas imensas copas purificando todo o ambiente. O visitante pode também caminhar apreciando a beleza do verde e da represa que proporciona momentos agradáveis e relaxantes a quem passa por ali. Quem caminha pelo bosque de 350.000 m² de área verde poderá também fazer uma parada para piqueniques com a família e ainda tem a oportunidade de visualizar macaquinhos e micos saltitarem de galho em galho em meio à suas frondosas árvores.



Figura 3- Trilha em meio à mata. Reprodução de uma imagem fotográfica, capturada por mim em 01/05/2012

No diálogo com esse registro oficial, o Parque é apresentado como um espaço que surge em meados de 1977 sendo inaugurado oficialmente em 1982. Possui uma abrangente área de 1.850.000 m² cravado num lugar onde a natureza se une ao espaço urbano.

No que diz respeito à forma urbana, retomo fundamentos teóricos de autores como LEFEBVRE que em seus estudos sobre essa temática, indica que a cidade possui o dom de atrair para si tudo o que nasce da natureza e do trabalho como se fosse um sistema de troca. Para esse teórico, o urbano ao se confundir com a natureza, a utopia aparece e transparece como se estivesse incorporada em certos lugares necessários como os jardins e os parques que, segundo ele, não são lugares neutros e abarcam relações sociais.²²

Segundo a difusão do site da Prefeitura, o conjunto hidrográfico do Parque é composto por três nascentes que abastecem sete represas que originam um grande lago além de outros sete um pouco menores. Ao lado da grande represa fora construída uma prainha artificial com 300 metros de extensão que, de acordo com a linguagem disseminada,

“...nos finais de semana, fica superlotada por crianças e adultos se divertindo”²³.

A relação entre o que é propagado e o real apreendido é uma questão problemática. Em uma de minhas visitas ao local pude perceber que ao invés de “superlotada”, a prainha em finais de semana fica esvaziada de gente, pois seu acesso é limitado, restrito. Tanto a represa quanto as piscinas do Parque, que historicamente deveriam ser públicas, possuem alambrados que impedem a livre entrada da população onde buscam restringir, controlar o uso daquele espaço que é público. A visitação à prainha é controlada por funcionários do parque que “organizam” as pessoas em fila para darem uma voltinha nos pedalinhos que a represa do Parque oferece gratuitamente a seus usuários em finais de semana. Essas práticas podem ser compreendidas como normas, formas de dominação do Parque onde o usuário para utilizar de um espaço que é público, necessita cumprir regras e determinações.

As classes médias possuem recursos que as permitem frequentar clubes privados da cidade, mas as classes menos favorecidas, ou seja, aqueles que não são vinculados a esses

²² LEFEBVRE, Henri. A Forma Urbana. In: A Revolução Urbana. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999 pp. 107-121

²³ Complexo Parque do Sabiá. Portal da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Link Secretaria e órgãos. Secretaria do Meio Ambiente. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=secretariasOrgaos&s=51&pg=144>> . Acesso em: 03-10-2013

clubes deveriam ter acesso irrestrito a esse espaço que é público, afinal ele é mantido com recursos do Governo.

De acordo com a forma de difusão do site, no Parque existem duas piscinas construídas para a população. Uma de cinquenta metros e outra de vinte e cinco metros que são amplamente propagadas por serem também utilizadas para escolinha de natação em meio da semana. Conforme a linguagem disseminada por esse registro,

“...aos sábados e domingos, as piscinas são utilizadas pela comunidade, que busca no Parque um completo dia de lazer.”²⁴

No entanto, em uma de minhas visitas ao Parque em finais de semana, percebi que apesar da propaganda dizer que estariam abertas para a população nadar e refrescar do intenso calor, elas estavam “fechadas”.

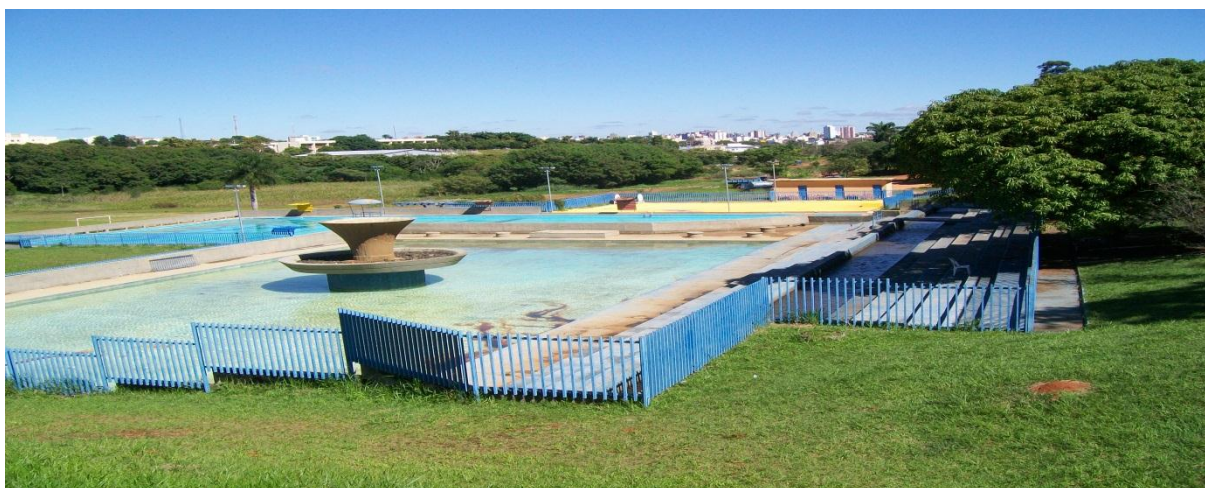


Figura 4- Piscinas do Parque onde é possível visualizar as grades que impedem o livre acesso da população. Imagem capturada por mim em 02/05/2012

Nesse processo de investigação, outros registros sociais como o Jornal Correio de Uberlândia Online difundiam que uma das últimas novidades oferecidas pelo Parque é a “academia” de ginástica que pode ser utilizada pela comunidade frequentadora, proporcionando exercícios ao ar livre. Esse novo espaço atribuído ao Parque, possui equipamentos que trabalham várias partes do corpo, sendo que cinco desses aparelhos são adaptados para quem possui deficiência física.

Entre os equipamentos dessa “academia”, o Jornal investigado destaca o simulador de caminhada, cavalgada, remada sentada, esqui, entre outros que começaram a ser montados em

²⁴ Idem.

novembro de 2011 e foram entregues aos frequentadores na primeira semana de fevereiro de 2012. De acordo com a FUTEL, o investimento nos equipamentos girou em torno de cinquenta e cinco mil reais, e contou com a parceria entre a prefeitura e o governo do Estado de Minas Gerais.²⁵



Figura 5- Academia ao ar livre com aparelhamento para ginástica. Reprodução de imagem fotográfica capturada por mim em 12 de maio 2012.

Nessa trajetória de investigação, aos pouco fui percebendo os sentidos disseminados, a ideia de que lazer é esporte é amplamente divulgada pelos meios de difusão do Parque em campanhas divulgadas em revistas que visam o bem estar do corpo físico,²⁶ em panfletos de propagandas distribuídos pelos arredores da cidade onde entendemos que são meios que o poder público vai se utilizando para atrair visitantes ao Parque, propagando largamente a ideia de que o sedentarismo é prejudicial à saúde do corpo. De acordo com um desses folhetos de difusão distribuídos pela FUTEL, o Parque do Sabiá vai aparecendo com sua “natureza exuberante”, proporcionando aos usuários esporte e lazer para todos os gostos, diversão e saúde para todas as idades além de oferecer

*“...momentos agradáveis e relaxantes para aliviar a tensão do dia a dia ou para curtir ótimos programas com os amigos ou a família, o Parque do Sabiá é sempre um bom programa”.*²⁷

²⁵ Parque do Sabiá tem nova academia. Correio de Uberlândia Online. 14-02-2012. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/.../parque-do-sabia-tem-nova-academia/>>. Acesso em: 08-10-2013

²⁶ MENDES, Dolores. Em busca do bem estar. In: Revista Correio Viver Bem (Parte integrante do Jornal Correio de Uberlândia) Uberlândia, Editora Algar Mídia, Dezembro 2011.

²⁷ Panfleto de propaganda sobre o Parque do Sabiá distribuído gratuitamente à população pela FUTEL. Uberlândia, 2012.

Sob esse aspecto, na maneira como é disseminado, o Parque do Sabiá vai atraindo essas relações, promovendo sentidos para o lazer firmado no esporte e na contemplação da natureza. Desta forma, podemos pensar que essa noção de associar saúde física à prática esportiva passa a ser hegemônica, predominante em termos de saúde na ideologia do Parque atualmente.



Figura 6 - Recorte de uma divulgação impressa sobre o Parque, realizada pela FUTEL e distribuída gratuitamente à população como forma de chamar a atenção para a prática de atividade física no Parque do Sabiá. Uberlândia 2012

No diálogo com esses materiais, foi possível identificar que o Parque do Sabiá pode ser considerado um grande espelho onde se reflete o panorama político de uma grande cidade como Uberlândia, afetando o campo sócio/cultural. E ao contemplar esse panorama que o Parque oferece, começo então a me inquietar, problematizar esses sentidos, as pluralidades existentes dentro desse espaço público de lazer.

Incomodada, angustiada com a ideia de como é que essas práticas foram sendo instituídas ao longo do tempo, de que maneira foram construídas essas apropriações, como se deu o processo de incorporação dessas relações sociais e qual o papel do poder público nesse contexto social é que volto para a documentação do Arquivo Público Municipal visando acompanhar sua historicidade através da imprensa escrita e documentos oficiais da Prefeitura Municipal entre outros registros. Com isso, busquei compreender o modo como essas relações foram se instituindo, qual a imagem que se tem do Parque e como ela foi sendo construída historicamente. No Arquivo, encontro vasta documentação, registros e materiais que conforme indica SAMUEL, esses locais de pesquisa

*“evocam o passado para aqueles que nunca o viram e estimulam novas memórias naqueles que lá estiveram”*²⁸

Nessa expectativa, os registros investigados que tratam da inauguração do Parque, aos poucos, foram demonstrando o processo histórico de construção desse espaço de lazer na cidade. Nessa busca, procurei compreender a importância desse local urbano de lazer para a cidade e encontrar a proeminência das pessoas em detrimento desses lugares públicos onde, segundo SAMUEL, os dois se entrelaçam e, para pensar o ambiente físico como um local preñado da atividade humana, uma arena social e não simplesmente como um lugar comum.²⁹

O objetivo dessa investigação foi compreender o que mudou nas experiências de vida da população trabalhadora da cidade com a implementação do Parque do Sabiá, o impacto que causou na existência social dos moradores da cidade e como uma nova era de mudanças e transformações em pleno período de Regime Militar no país foram interferindo nos viveres e práticas urbanas.

Esse estudo requer pesquisa e muita dedicação. Para pensar as relações urbanas dentro da historicidade do Parque, foi preciso fazer leituras a contrapelo, penetrar nas entranhas da documentação e analisar criticamente os embates sociais, compreender como foram entrelaçadas ao longo do tempo as experiências e vivências de luta pelo espaço na cidade e a maneira como os diversos agentes iam construindo sua trajetória através da historicidade das relações vividas.

Nessa jornada, os registros sociais foram indicando que um novo espaço para o lazer dos trabalhadores e operários da cidade emergia a partir da segunda metade dos anos setenta. A primeira vista pude pensar ser ele um local destinado exclusivamente àqueles que não possuíam “condições” de usufruir de outros lugares para o lazer, como os clubes sociais privados e frequentados pela elite uberlandense.

O objetivo dessa investigação constituiu em incorporar, revelar os sentidos e significados das experiências e comportamentos de sujeitos comuns que compartilharam desse processo de construção, mesmo que fossem com atos de subordinação às formas de controle do espaço

²⁸ SAMUEL, Raphael. Documentação, História local e História Oral. In: Revista Brasileira de História, v. 9 nº 19. São Paulo. Set.89/Fev. 90. pp 219. 243

²⁹ Idem.

urbano, atores sociais portadores de bagagens e vivências urbanas vividas no cotidiano das relações em período de intensas mudanças e transformações.

Nessa linha de investigação, percebi que apesar do Parque do Sabiá ter sido objeto de estudo pelos poderes municipais desde o início da década de setenta dentro de políticas implementadas pelo então prefeito Virgílio Galassi, que *modestamente* enunciava em um discurso justificativo ter sido *dele*, a iniciativa de remeter à Câmara Municipal um projeto que originava a lei nº 1.925 de 28 de junho de 1971 onde se pretendia criar um amplo espaço recreativo urbano localizado no antigo manancial do córrego do Jataí.³⁰ Entretanto, outros registros indicam que foi somente no ano de 1977 após intensas discussões realizadas nos bastidores da Câmara Municipal que foi dado um parecer favorável, em que aprovam, abrem crédito e dão aval para iniciarem a obra. Segundo o parecer da Comissão de Legislação e Justiça,

*“ Considerando que a criação do Parque do Sabiá, é realmente uma necessidade para nossa cidade, haja visto não possuímos ainda um logradouro de lazer de tal natureza, sem nenhuma dúvida, é de parecer plenamente favorável à aprovação do presente projeto.”*³¹

Ao dialogar com essa documentação oficial da Prefeitura, fui percebendo que dentro das políticas de implantação do parque, vastas aberturas de créditos eram solicitadas para o início das obras desse espaço que, segundo eles, constituía numa “necessidade” para uma cidade enquadrada nos “moldes do crescimento”. E, assim, a construção passa a constar na “ordem do dia” norteadas por debates e discussões pelos corredores dos poderes municipais. E num dado de conjuntura ia sendo disseminada pela imprensa de maneira espetacular. Nessa expectativa, percebi que o Parque ia ganhando materialidade, destaque nas primeiras páginas como sendo uma *obra prioritária* daquela administração.

Logo, pude perceber que a imprensa passa a ser agente fundamental para a divulgação dos projetos apresentados em larga escala pelo poder público municipal. Nesse contexto, jornais refletiam em manchetes de primeira página imagens e linguagens sedutoras daquele local como estratégias de convencimento da população trabalhadora que, segundo eles, estava sendo contemplada com um lugar próprio e seguro para seus momentos de recreação. Desta

³⁰ Processos da Câmara Municipal. Prefeitura Municipal de Uberlândia. Exposição Justificativa do Prefeito Virgílio Galassi, 17 de Maio de 1977. “Autoriza obras do Parque do Sabiá, abre crédito especial e contém outras providências. (criação do Parque) Proposição de Lei nº 21/77, Lei nº 2.621 de 02/06/1977, Processo 3946, ano 1977, cx. nº 193. Arquivo Público Municipal.

³¹ Idem. Câmara Municipal. Parecer da Comissão de Legislação e Justiça, sala de sessões, 20 de Maio de 1977.

maneira, podemos acreditar que essas ações podem ser entendidas como estratégias de dominação onde alguns grupos pretendiam que suas ideologias fossem aceitas e incorporadas pelos moradores da cidade.

Dessa maneira, esses registros investigados indicam que o espaço urbano ia paulatinamente sendo remodelado, resignificado. Onde outrora eram locais de encontros e sociabilidades como praças, lugares de festas e passeios iam sofrendo modificações com o avanço e pressões de grandes grupos sociais conforme indica fundamentos teóricos de LEFEBVRE ao dizer que esses grandes grupos

“Agem uns com e/ou contra os outros. As qualidades e “propriedades” do espaço urbano resultam de suas interações, de suas estratégias, seus êxitos e derrotas. A forma geral do urbano engloba, reunindo-as, essas diferenças múltiplas.” ³²

Mediante esse quadro de mudanças e transformações pelo qual ia se revelando o espaço urbano, os registros investigados revelam que o ano de 1977 pode ser considerado um “divisor de águas”, um marco definidor para o “ponta pé” inicial das obras do Parque do Sabiá. Nessa trajetória de investigação, percebi que os amplos recantos do Parque passam a ser temas de difusão e de discursos políticos que visavam enaltecer, perpetuar nomes públicos como o do prefeito da cidade quando dava ênfase as atrações do local nesta fala,

“O Parque do Sabiá se destinará exclusivamente para fins turísticos e de lazer constando entre outras das seguintes obras e atrações: piscinas, duchas, campos de esporte, camping, represa para fins aquáticos, jardim zoológico, bosque de essências nativas, campo para aeromodelismo, autódromo, criação de viveiro de peixes, aves e animais da fauna nacional .” ³³

Nesta exposição, fui compreendendo a importância desse espaço para a população que há muito reivindicava um espaço amplo para recreação, e na maneira como o difundiam tornava-o bastante sedutor. À primeira vista podemos entender que esse local estava voltado unicamente para o bem estar social e lazer dos trabalhadores da cidade. Entretanto, ao longo desse processo de investigação fui percebendo que havia outros interesses em jogo e entre eles o do setor imobiliário.

³² LEFEBVRE, Henri. A forma urbana. In: A Revolução Urbana, cap. VI, pp. 116-7 Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1999

³³ Processos da Câmara Municipal. Autoriza obras no Parque do Sabiá, abre crédito especial e contém outras providências (criação do Parque). Proposição de Lei nº 21/77, Lei nº 2.621 de 02/06/1977. Processo nº 3946, ano 1977 cx. nº 193. Exposição justificativa do Prefeito Virgílio Galassi. Prefeitura Municipal de Uberlândia. 17 de Maio de 1977. Arquivo Público Municipal.

As difusões sensacionalistas feitas pela imprensa ia aos pouco abrindo um leque amplo de especulações tendo em vista valorizar os novos espaços urbanos remodelados que no passado eram tidos como periféricos. A exemplo do Bairro Tibery onde fora implantado o Parque que até então não era oferecido saneamento básico nem infraestrutura adequada aos moradores do local, e a infância pobre ainda podia ser vista brincando livremente por suas ruas e vielas esburacadas.

Essas especulações, segundo o ponto de vista de ROLNIK, podem ser entendidas como um jogo de poder urbano e fazem parte da cidade capitalista. Segundo o pensamento dessa autora, as grandes obras públicas vão abrindo frentes de investimentos e nessa expectativa acabam atraindo, aumentando o interesse de empresas do setor imobiliário valorizando o mercado especulativo de terras urbanas.³⁴

Nesse movimento histórico, as fontes indicam que o novo Estádio de futebol seria parte integrante desse processo de construção, cuja elevação emergia num paralelo junto aos atrativos do Parque. Ao dialogar com outros registros como os documentos oficiais da Prefeitura Municipal do período, foi possível identificar que a implantação desse agente esportivo se daria em terreno situado nos cerceamentos da Avenida São Pedro, (atualmente, Avenida Rondon Pacheco) com as avenidas Canadá, São Paulo, e Rua Sergipe conforme indica a planta abaixo.

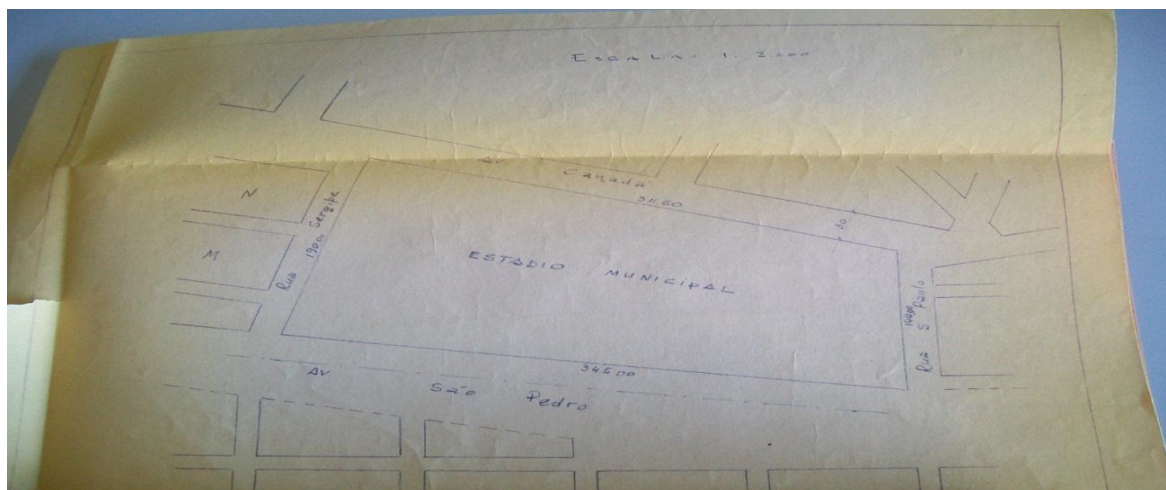


Figura 7 - Planta onde se visualiza o local destinado à construção do Estádio. Anexada ao Processo nº 3153, pasta 155. “Destina local para a construção do Estádio Municipal”, novembro de 1971. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

³⁴ ROLNIK, Raquel. O que é cidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 3ª ed. 1994, pp. 64-5

Segundo argumentos sobre a escolha do lugar, apresentados pelo poder municipal,

*“O local ora escolhido é de propriedade do município, está bem localizado e possui área bastante para comportar um grande estádio, à altura do desenvolvimento alcançado por Uberlândia”.*³⁵

Ao fazer uma reflexão sobre a escolha do local, foi possível perceber a existência de interesses de alguns setores em valorizar esses novos espaços urbanos. Com o Complexo Parque do Sabiá especulações surgiam num dado de conjuntura com a imprensa, que procurava demonstrar a seus leitores que as proximidades do Parque eram áreas significativas de excelente localização, revelavam grande valorização imobiliária.

Nessa expectativa, a documentação indica que a Avenida Rondon Pacheco já nascia como um projeto paralelo ao Parque, pensada e idealizada como a principal via de acesso para se chegar ao Estádio. Essa ideia fica clara quando o prefeito dizia em seu discurso que

*“... A Avenida Rondon Pacheco, onde se construirá o estádio, será fadada a ser uma das principais vias públicas da cidade. (...)a Avenida, com largura de cinquenta metros pode comportar o intenso tráfego que se presume seja feito ali, principalmente com a existência do Estádio Municipal.”*³⁶

Tendo em vista esse aspecto, logo podemos compreender que esses novos projetos para a cidade foram pensados, idealizados a partir de interesses das classes dominantes que tinham como meta uma visão progressista da cidade. O Parque do Sabiá como protagonista dessa ideologia passa a ser largamente difundido como um símbolo de materialização do dinamismo e coragem de alguns homens públicos audaciosos.

³⁵ Processos da Câmara municipal. Destina local para construção do Estádio Municipal (em terreno de propriedade do município). Proposição de Lei nº 130/71, Lei nº 2012/71 de 26/11/71. Processo nº 3153, ano 1971, cx. nº 155. Exposição justificativa do Prefeito Virgílio Galassi. Prefeitura municipal de Uberlândia, 11 de Novembro de 1971. Arquivo Público Municipal.

³⁶ Destina local para construção do Estádio Municipal (em terreno de propriedade do município). Proposição de Lei nº 130/71, Lei nº 2012/71 de 26/11/71. Processo 3153, ano 1971 cx. nº 155. Exposição justificativa do Prefeito Virgílio Galassi. 11 de Novembro de 1971. Processos da Câmara Municipal. Prefeitura Municipal de Uberlândia. Arquivo Público Municipal.



Figura 8 - Imagem da Avenida Rondon Pacheco em fase final de construção. Reprodução de um fragmento do jornal "O Município", Suplemento Informativo dos Poderes Municipais, ano IV, nº 122, Uberlândia 20-08- 1980. Arquivo Público Municipal (anexado ao Jornal "Correio de Uberlândia")

No diálogo com esses registros, fui aos pouco apreendendo sentidos e interesses políticos onde nomes públicos procuravam demonstrar através da difusão em jornais grande empenho na implantação do Estádio de futebol que, conforme pude perceber, ia "aparecendo" nas principais manchetes de maneira espetacular, ganhando notoriedade mais que as outras atrações do Parque. Em meio a essas propagações percebi que nomes públicos eram enaltecidos, jornais difundiam que o Estádio começava a ser chamado popularmente de "Virgilão" fazendo referência ao prefeito da administração vigente.³⁷ Nessa expectativa, é possível enxergar nas entrelinhas desse registro que a implantação dessas grandes obras não pretendia apenas pensar a questão do bem estar social dos trabalhadores, agregava intenções como enaltecimentos de nomes públicos ao lado desses "grandes feitos".

Essas questões nos fazem pensar que por trás desses agentes da imprensa eram tecidas estratégias numa rede intrínseca de interesses que com suas linguagens pretendiam glorificar nomes e grupos de poder na cidade além de aumentar o número de arrecadação do município.

(...) "ao lado dessas obras, o Prefeito Virgílio Galassi, os seus assessores, a Câmara Municipal, as forças vivas, se desdobram em atividades conscientes e reais, para

³⁷ Virgilão será a alegria do povo. Jornal Correio de Uberlândia nº 13.304, ano 44. 16 de Janeiro de 1982. p.6. Arquivo Público Municipal.

*disparar o nosso desenvolvimento e os números de arrecadações do Município, do Estado e da União. Mostram que marchamos aceleradamente para crescer”(...)*³⁸

A temática que envolve os discursos urbanos é tema de discussão de teóricos como H. Lefebvre em seus estudos sobre espaços e formas urbanas. Na visão desse autor, a realidade urbana é o lugar do discurso, ela oferece percursos em número extenso. Segundo esse estudioso, na prática o discurso sobre as grandes obras projetadas para a cidade circunscreve, prescreve atos, direções e intenções. Deste modo, a realidade urbana torna-se o grande palco, o lugar de discursos que é escrito, lido e nunca se esgota.³⁹

Portanto, ao dialogar com esses registros sociais como a imprensa, foi possível pensar que essas imagens e linguagens disseminadas podem ser entendidas como formas e estratégias políticas de convencimento da população, meios que alguns grupos de poder na cidade ia utilizando para conseguir aprovação de seus projetos idealizados.

Nesse sentido, os registros indicam que empresas e grandes corporações se mantinham a postos aguardando para adentrarem na concorrência pública⁴⁰ num jogo de forças, interesses e disputas pelo direito de estarem à frente dessa grandiosa obra, com seus homens e máquinas. Isso se dava a fim de desbravar esse novo espaço que surgia e com isso deixar suas marcas nas paredes dessas transformações urbanas.



Figura 9 - Fragmento de um jornal difundindo as obras do Complexo. Jornal Correio de Uberlândia, nº12.485, 30/09- 01/10- 1978. Arquivo Público Municipal

³⁸ Estádio Municipal será realidade em 18 meses. Jornal O Município, suplemento informativo dos Poderes Municipais, ano 3, nº 74. Uberlândia, 20 de Maio 1979, p.1. Anexado ao Jornal Correio, Maio, 1979.

³⁹ LEFEBVRE, Henri. A forma urbana. In: A Revolução Urbana, cap. VI, p. 121. Ed. UFMG. Belo Horizonte: 1999

⁴⁰ Concorrência Pública para a construção do estádio Municipal. Jornal Correio de Uberlândia, ano XLII, nº 12.632. 05-06 de Maio de 1979.

Por outro lado, enquanto se construía grandes obras para a cidade, em detrimento daquele “crescimento” urbano, pude perceber que o período fora marcado por fortes contradições sociais. Enquanto a cidade “crescia” constatei que alguns jornais de oposição à política administrativa vigente buscava demonstrar criticamente o “outro lado” da cidade ordeira e progressista que estavam tentando construir. Esse registro procurava evidenciar experiências sociais sofridas por trabalhadores desempregados que vivenciaram no cotidiano das relações todo esse processo de mudanças e transformações urbanas.

Nesse aspecto, foi possível perceber que enquanto a cidade crescia, a maioria da população pobre da cidade passava por privações, fome e miséria, não possuíam moradia adequada, viviam em barracos ou casebres sem condições dignas de higiene. De acordo com esse registro social, pude evidenciar as péssimas condições de existência de trabalhadores pobres, pois enquanto alguns viviam na abundância diziam que

“... a maioria dos barracos não tem luz, água e nem saneamento básico, uma vez que a defecação é feita nos quintais, em fossas (...) Crianças famintas vivem na maior miséria. Migrantes que chegam de longe em busca de empregos e melhores condições de vida, hoje estão jogados, marginalizados e a mercê da sorte(...) não há expectativa de vida”.⁴¹

Essa imprensa crítica procura demonstrar nesta reportagem, a existência na cidade de fortes desigualdades sociais, uma triste realidade social vivenciada por trabalhadores pobres que vivenciaram relações contraditórias. Esse registro investigado evidencia o quadro de miséria em que vivia a grande parcela de moradores migrantes que deixaram suas terras onde moravam para tentar a sorte numa cidade que, segundo promessas difundidas por uma propaganda desenvolvimentista, era um atrativo de emprego e novas experiências sociais.

Enquanto isso acontecia, em outros meios de difusão a propagação de ações vantajosas para alguns grupos de poder na cidade ia tentando através da propagação das “grandes obras” silenciar, acobertar aquela triste realidade.

Assim, esses agentes sociais iam vivenciando experiências sociais conturbadas, onde enquanto a cidade crescia foram permanecendo à margem da sociedade por não possuírem dinheiro para comprar comida e nem conseguir sustentar seus filhos.

⁴¹ Favelas: Contradições do crescimento urbano. Jornal Primeira Hora, ano II nº 323. 17 de Outubro de 1982. p.3.

Em se tratando de viveres urbanos, FENELON revela que a grande dimensão da vida urbana comporta em si conflituosas relações que historicamente podem exprimir-se em dominação. De acordo com essa autora, o urbano pressupõe disputas e diferenças sociais e carrega consigo uma gama de abordagens políticas em que, em nome de uma memória única e oficial alguns domínios de poder, vão tentando com suas estratégias enfumaçar, apagar e suprimir as diferenças e experiências de vida dos diversos sujeitos históricos.⁴²

Enquanto isso, outros registros vão demonstrando que o final da década foi bastante significativo para a população trabalhadora da cidade. Jornais difundem que a cidade vai constituindo cenário de intensa movimentação, adultos e crianças deslocam-se de bairros longínquos na expectativa de conhecer o novo logradouro de lazer que, aos poucos, ia emergindo, ganhando corpo e forma. Uma larga propagação da imprensa difundia imagens sedutoras do Parque do Sabiá com seus recantos naturais difundindo que aquele espaço estava sendo construído especificamente para os trabalhadores e operários com suas famílias.

No entanto, numa leitura a contrapelo pude perceber que a população trabalhadora, na expectativa de conhecer o local, passa por constrangimentos e é alvo de controle do espaço público por uma política de dominação social.

E como um estranho paradoxo, percebi que, paralelamente, ao mesmo tempo em que a imprensa difundia os recantos do Parque, com suas formas de controle social, vão coibindo e restringindo aquelas visitas da população ansiosa por conhecer o novo espaço que, segundo a disseminação era dedicado a eles.

Desta forma, percebi que linguagens dominantes buscavam chamar a atenção dos leitores que aquele local estava sendo “invadido” por pessoas que ao irem lá acabavam provocando transtornos para os construtores da obra dificultando o desenvolvimento dos serviços. Além disso, diziam não se justificar as “depredações” que estavam ocorrendo naquela área que estava sendo edificada com o único propósito de proporcionar lazer recreativo à população operária e trabalhadora da cidade. De acordo com a linguagem desse registro,

⁴² FENELON, Dea Ribeiro. Introdução. In: Cidades, Pesquisa em História. Programa de Estudos Pós-graduados em História. PUC/SP. São Paulo: Olho D'Água, 1999, pp.7-8

*“... algumas vegetações conseguiram ser salvas devido à ações de pessoas que tiveram a insensatez de derrubar árvores para vender como lenha. (...) Essa ação criminosa já está sendo sanada com a plantação de mudas de várias espécies”.*⁴³

Nesta escrita é possível perceber linguagens contraditórias se observarmos na historicidade desse espaço, que já havia a intenção de cultivar ali mudas de plantas exóticas da fauna nacional. Registros nos indicam que seria plantado no local cerca de 50 mil árvores entre espécies frutíferas, ornamentais e essências nobres.”⁴⁴

Em virtude desse fato, somos levados a acreditar que essa “derrubada de árvores” de qualquer maneira iria se concretizar abrindo espaços para o surgimento de novas espécies “exóticas”. Além do mais, é possível pensar que ao retirarem dali lenhas para vender, aqueles agentes buscavam suas condições materiais de existência.

Enquanto isso, acontecia uma vasta propaganda da imprensa que difundia a ideia que algumas estruturas daquela área como a demarcação das ruas já estavam sendo determinadas com implantação de asfalto, água e eletricidade para todos os lotes. Segundo o registro analisado, naquelas vias já podia até circular ônibus para levar o “povo” em finais de semana para conhecer o Parque. Mesmo com as obras em andamento, era grande a expectativa da população conforme a linguagem disseminada,

*“... a presença de um público muito grande em todos os fins de semana representa que já há alguma coisa que se ver e mais do que isso, que as classes operárias e estudantes clamam por um logradouro como este.”*⁴⁵

Nesse fragmento do jornal, é possível perceber alguns paradoxos interessantes onde ao mesmo tempo em que poderes dominantes coíbiam as visitas, incentivavam e atraíam a população para o local com promessas de deslumbramento.

Nesse cenário urbano, a imprensa ia difundindo que o ano de 1982 transformara-se em palco de grande expectativa em que a população da cidade vivia momentos de ansiedade à espera pela inauguração daquele novo espaço que emergia cheio de atrações para as famílias pobres como a existência de algo novo como o Zoológico, onde ressaltavam que

⁴³ Duas obras paralelas: Estádio Municipal e Parque do Sabiá caminham para ser realidade. Jornal Correio de Uberlândia, nº 12.485. 30-09/ 01-10, 1978

⁴⁴ Parque do Sabiá pode ser inaugurado em Novembro. Jornal Primeira Hora, ano II, nº 328. 24 de Outubro de 1982. p.3

⁴⁵ Duas obras paralelas: Estádio Municipal e Parque do Sabiá caminham para ser realidade. Jornal Correio de Uberlândia. 30-09/01-10, nº 12.485. 1978. p.1

“...o mundo animal será uma das atrações para o repouso e a satisfação das famílias pobres de Uberlândia, as quais se destina especificamente, o Parque do Sabiá.”⁴⁶

Conforme podemos observar, o Parque do Sabiá estava sendo propagado como uma obra social destinada especificamente à prática de recreação e descanso da classe operária e trabalhadora da cidade. E para usufruir das atrações do Parque, o trabalhador teria apenas que apresentar na portaria a sua carteira de trabalho ou identidade sindical.⁴⁷

Nessa expectativa, o Parque abriria seus portões aos sábados, domingos e feriados, e a visitação teria também como participantes os sindicatos que ajudaram a credenciar os operários da cidade.⁴⁸ Logo, é possível considerar que de segunda a sexta feira o parque permaneceria fechado, já que durante esse período os trabalhadores estariam em serviço.

Finalmente, estava aberta a temporada de inauguração do imenso Complexo. As primeiras páginas dos Jornais prenunciavam os preparativos para as festividades onde o Parque como o grande protagonista seria “apresentado” oficialmente à população em meio às “pompas e circunstâncias”. De acordo com os registros investigados, o Parque seria inaugurado no dia sete de Novembro do ano de 1982, que podemos pensar ser uma data “estrategicamente política” para o enaltecimento de alguns nomes públicos em tempos de eleição. Desta forma, é possível perceber que o Parque do Sabiá desde o princípio pode ser considerado como uma importante ferramenta política para angariar votos da população.

Nessa expectativa, a imprensa escrita foi a ponte difusora onde alguns grupos de poder ia se utilizando com seus métodos e subterfúgios, como a realização de sorteios de prêmios que variavam entre motos, televisores, bicicletas e geladeiras como forma de atrair um grande número de pessoas para o local.⁴⁹

Nessa estratégia política, discursos eram preparados e a presença de autoridades ilustres do Estado era confirmada para que do alto do palanque pudessem receber os trabalhadores da cidade e entregar-lhes “a chave” do Parque.

⁴⁶ Idem. p.1

⁴⁷ Mais de cem mil pessoas visitaram o Parque do Sabiá no dia da inauguração. Jornal Correio de Uberlândia, nº 13.507, 09 de Novembro 1982. p.1

⁴⁸ Parque do Sabiá pode ser inaugurado em novembro. Jornal Primeira Hora, ano II, nº 328, 24 de Outubro de 1982. p. 3

⁴⁹ Parque do Sabiá será inaugurado Domingo às 9 horas e com sorteio. Jornal Correio de Uberlândia, ano 45, nº 13.504. 04 de Novembro de 1982. p.1

Sob essa expectativa, percebemos que o que era para ser um grande dia para a população se divertir com as atrações do Parque, revelou-se em uma concentração política em que os trabalhadores com suas famílias iam sendo “recepcionados” na portaria de entrada com farta distribuições de camisetas e “santinhos” por uma maratona de políticos desejosos por votos. Desta forma, a população visitante a todo o momento era “convidada” a abandonar suas atividades de lazer como pescarias, piqueniques, visitas ao zoológico para comparecerem em frente ao palanque e assistir a discursos eleitoreiros de homens públicos tendo à sua vanguarda a figura do Prefeito Municipal Virgílio Galassi, que naquele momento ressaltaria com júbilo uma final de gestão coberta de êxito e glória.⁵⁰



Figura 10- Imagem retratando a população visitante no dia da inauguração do Parque, onde é possível visualizar a presença de várias crianças acompanhadas dos pais. 07 de novembro de 1982. Fragmento retirado do Jornal Primeira Hora, nº 338 de 09-11-82, p.4. Arquivo Público Municipal

Segundo o diálogo com esse registro social, mais de cem mil pessoas visitaram o Parque naquele dia da inauguração. E quando inauguram dentro do protocolo daquela festividade, um trabalhador foi escolhido para subir no palanque para falar sobre o Parque. Esse registro diz que o trabalhador recebe das mãos dos poderes municipais a “chave do Parque” e logo após, colocam-no para falar. Segundo a linguagem do jornal, o operário escolhido faz um agradecimento emocionado em nome de toda família de trabalhadores da cidade quando diz

“A chave que recebo nesse momento em nome da classe operária de Uberlândia, é a resposta à concretização de um sonho de todos nós, é a chave que abre as portas desse parque maravilhoso. Será aqui que poderemos trazer os nossos filhos, onde

⁵⁰ Milhares foram ao Sabiá, mas poucos ouviram discursos. Jornal Primeira Hora, ano II, nº 338. 09 de Novembro de 1982. p.4

*com toda segurança, desfrutaremos do verde, das flores, da tranquilidade e da paz que tanto necessitamos. O prazer e a alegria de nossos filhos, o descanso para nossos velhos e o nosso próprio lazer depois do duro trabalho, é o que nos oferece a administração Municipal com esse majestoso Parque do Sabiá.”*⁵¹

Na fala seguinte desse trabalhador podemos pensar que havia interesses em jogo onde a voz desse operário busca também privilegiar, destacar alguns nomes públicos como benfeitores. E como uma estratégia eleitoreira, a linguagem do jornal se utiliza da fala desse trabalhador destacando que esse compartilhava sua emoção com aqueles que

*“... trabalharam com dedicação, com carinho e com amor pelo parque, como o nosso amigo Cícero Diniz e o querido Virgílio Galassi que se dedicaram de corpo e alma a esse empreendimento.”*⁵²

De acordo com essa fala, é possível pensar que a voz desse trabalhador através desse registro social pode revelar significados atribuídos ao Parque pela classe trabalhadora da cidade, tanto quanto os sentidos dados pela classe dominante, onde pretendiam que esse espaço fosse incorporado pela população como uma “grande conquista” mediante esforços e dinamismo de uma “administração competente”.

As próximas páginas desse trabalho propõe através da investigação histórica fazer uma reflexão para além do Parque do Sabiá, buscando o sentido e o significado do lazer para a população trabalhadora ao mesmo tempo em que começa a ser instituído um lazer público e fechado no Parque. Nesse sentido, procuro sob o viés da cidade em seu movimento demonstrar quais as outras práticas de lazer existiam, em que lugares aconteciam e que foram aos pouco sendo apagadas, restringidas por um processo de dominação e controle do espaço público. O meu foco de reflexão é a crítica ao poder, entretanto trago para a centralidade da minha escrita as práticas de sociabilidade e divertimento da população.

O objetivo é pensar o Parque do Sabiá como um projeto que saiu dos interesses das classes dominantes da cidade e que só foi possível se tornar realidade porque os moradores da cidade passaram a incorporar um novo sentido para o lazer na sua cultura, no seu modo de viver.

⁵¹ Mais de cem mil pessoas visitaram o Parque do Sabiá no dia da inauguração. Jornal Correio de Uberlândia, nº 13.507, 09 de Novembro 1982. p.1

⁵² Idem. p. 1

Capítulo II

Ruas, praças, córregos e rios: lugares de sociabilidade e lazer na cidade.

“... A cidade nunca deve surgir apenas como um conceito urbanístico ou político, mas sempre encarada como o lugar da pluralidade e da diferença, e por isso representa e constitui muito mais que o simples espaço de manipulação do poder.”⁵³

Se por um lado o significado do lazer passou a ser tudo aquilo que procurei desenvolver no primeiro capítulo, incomodava-me a ideia de quais práticas sociais de diversão existia para os trabalhadores da cidade nos espaços urbanos e de que maneira foram sendo modificadas com a chegada de novas expectativas para o lazer configuradas no Parque. Ao caminhar hoje pelas ruas do centro da cidade não mais é possível visualizar crianças correndo soltas pelas calçadas, brincando de futebol nas praças, nem adultos passeando à noite em finais de semana pelas praças centrais como no passado.

O que se percebe é que hoje, a centralidade urbana é um local para o fluxo de pessoas e automóveis, a cidade do fluxo que de acordo com LEFEBVRE pode ser considerado como um movimento dialético, aquele segundo ele *“a constitui e a destrói, que a cria e estilhaça”*. Entretanto, a centralidade não é indiferente ao que ela reúne, como amontoado de objetos, multidões e pessoas caminhando.⁵⁴

Nesse processo de investigação, o conceito sobre cidades e práticas de lazer foi aos pouco ganhando materialidade na medida em que fui interpretando as fontes e percebendo o que era de interesse da classe dominante em relação aos trabalhadores da cidade, à infância pobre com seus modos de divertir e brincar urbanos.

Nesse capítulo retorno à documentação no Arquivo Público Municipal em busca de evidências de práticas que conforme pude perceber, foram restringidas, coibidas no centro da cidade por políticas de dominação e controle do espaço público. A intenção é trazer para minha escrita uma reflexão sobre esses espaços que sofreram apagamentos como as ruas e

⁵³ FENELON, Dea Ribeiro. Introdução. In: Cidades, Pesquisa em História. Programa de Estudos Pós-Graduados em História. PUC/SP. São Paulo: Olho D'Água. 1999.p.7

⁵⁴ LEFEBVRE, Henri. A Forma Urbana. In: A Revolução Urbana. Belo Horizonte: Ed. UFMG,1999 P.108

praças do centro da cidade onde na década de setenta, ainda se podiam ver crianças brincando no chafariz e correndo soltas pelas ruas e calçadas centrais.

Essa temática que envolve as relações urbanas requer leituras e trabalho árduo de investigação. Nas grandes cidades há lugares diferenciados, e ROLNIK nos coloca que é como se a cidade representasse um enorme quebra cabeça feito com pedacinhos variados onde cada um conhece seu lugar, contudo sente-se deslocado nos demais. Sob esse olhar, podemos imaginar a cidade sendo demarcada por cercas e fronteiras imaginárias que definem o lugar de cada um. Sob o ponto de vista de ROLNIK em seus estudos sobre lugares urbanos, essa pode ser considerada por ela como a segregação espacial. Segundo o entendimento dessa autora, o contraditório, o véu das diferenças vai sendo levantado quando *“meninas pulando corda e jogando amarelinha estariam “deslocadas” em meio a torres envidraçadas.”*⁵⁵

Sob essa expectativa, busquei através de diálogos e reflexões com registros sociais, compreender como eram retratados pela imprensa, os espaços de sociabilidade e convivência, as práticas de lazer e o que o espaço urbano oferecia em termos de divertimento para a população trabalhadora da cidade e seus familiares antes da implantação do Parque do Sabiá.

Nessa leitura de época, o que me chamou a atenção foram as práticas e comportamentos da infância pobre, os modos de viver e conviver de filhos das classes populares no uso do centro da cidade que conforme fui percebendo, iam se realizando no espaço público, nas praças centrais em meio a disputas pelo espaço.



Figura 11 - Imagem de crianças correndo na Praça Tubal Vilela. Jornal Correio de Uberlândia, 12 de outubro , 1982,p. 1

⁵⁵ ROLNIK, Raquel. Separar e reinar. A questão da segregação urbana. In: O que é cidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 3ª ed. 1994. pp.40-41

Ao buscar compreender os sentidos do lazer para a população trabalhadora da cidade na década de setenta, foi possível perceber que a Praça Tubal Vilela localizada no centro da cidade possuía amplos significados para seu uso. Durante o dia, esse local era entretido por crianças com suas brincadeiras infantis, conforme nos indica uma reportagem analisada sobre esse espaço onde

*“... pela manhã, as crianças tomam conta de toda a sua extensão. A noite, jovens enamorados distribuem juras de amor e assim a praça pública que embeleza o centro da cidade vai marcando sua tradição de utilidade não só a nossa comunidade mas também para aqueles que nos visitam.”*⁵⁶

Nesse sentido, esse registro nos indica que por detrás dessas linguagens e imagens, havia interesses de alguns setores da elite em divulgar sentidos para a praça onde procuravam divulgar a cidade para muito além de seus muros, e a Praça Tubal Vilela era utilizada como uma importante ferramenta, ou cartão de visita.

A Praça Tubal Vilela no centro da cidade constitui um espaço onde no passado era possível ver ali pessoas caminharem em suas largas calçadas apreciando a beleza de seus jardins, embalados ao som de músicas orquestradas advindas do som acústico de sua fonte luminosa. Segundo esse registro, no passado, dependendo do dia e horário em que esse mesmo espaço era utilizado, à noite nos finais de semana ou em vésperas de feriados, consistia ali um ponto de encontros e sociabilidades onde jovens enamorados trocavam suas juras de amor.⁵⁷

Nessa forma de difusão, é possível entrever alguns estranhos paradoxos, onde, ao mesmo tempo em que difundem a praça como um espaço ideal para o entretenimento das crianças e da população em geral, no mesmo período, registros sociais indicam que experiências e comportamentos infantis de filhos de trabalhadores sofriam processos de coibição, coerção por estarem brincando nas praças centrais como a Tubal Vilela e a Sérgio Pacheco. A questão que coloco é: Se a Praça era para todos, porque queriam retirar dali os filhos de trabalhadores com seus comportamentos infantis e porque essas práticas incomodavam tanto a elite da cidade?

Sob esse prisma, é possível acreditar que os poderes dominantes da cidade iam aos pouco atribuindo valores para o local, demonstrando através dos meios de difusão que a Praça Tubal

⁵⁶ Praça Tubal Vilela, cartão de visita. Jornal Correio de Uberlândia, nº 12.364, ano XXXVIII, 17 de Janeiro, 1975. p.1

⁵⁷ Idem. p.1

Vilela constituía um espaço urbanístico que dava “vida” ao centro, um verdadeiro “cartão postal” para atrair turistas para a cidade. Nesse aspecto, linguagens e imagens iam sendo disseminadas pela imprensa como forma de chamar a atenção dos seus leitores de que aquele espaço público era o local mais apropriado para a população se divertir em suas horas de lazer. Distrações como a belíssima “fonte luminosa” chamava a atenção de seus visitantes quando ao cair na noite era embalada ao som de músicas orquestradas.⁵⁸



Figura 12 - Fragmento de jornal difundindo a Praça Tubal Vilela. Jornal Correio de Uberlândia, nº 12.364, 17 de janeiro de 1975. Manchete de primeira página.

Desta maneira, podemos então pensar que para alguns grupos da elite uberlandense, durante o dia, os meninos pobres que ali brincavam e faziam algazarras “não estavam combinando” com essa visão da cidade idealizada nos valores sócio/culturais dos grupos dominantes.

Por outro lado, ao mesmo tempo foi possível constatar que nesses mesmos registros sociais, comportamentos e práticas infantis de crianças brincando nas praças centrais, estavam sendo temas de discussão, sendo propagados em forma de denúncia pela imprensa do período. Algumas práticas como a soltura de pipas, o futebol praticado por meninos filhos de trabalhadores na Praça Sergio Pacheco começava a chamar a atenção de alguns grupos de poder na cidade que, conforme pude identificar, ia se utilizando de métodos e subterfúgios através dos meios de difusão para disseminar a ideologia de que aquele espaço estava sendo invadido por pequenos “vadios”. A Praça Sergio Pacheco segundo uma linguagem preponderante estava constituindo alvo principal daqueles “meninos de rua”. Essas formas de

⁵⁸ Praça Tubal Vilela, cartão de visita. Jornal Correio de Uberlândia, nº 12.364, ano XXXVIII, 17 de Janeiro, 1975. p.1

linguagens e controle do espaço público iam ganhando destaque em manchetes de primeira página da imprensa onde buscavam disseminar para a população, a ideia que

*“(...) meninos de todos os bairros se atiram no lago transformando-o numa piscina pública sem a menor condição de higiene e tornando poluídas as águas do local. Além disso, (...) as crianças acabam por atirar água nas famílias que procuram a praça em busca de um repouso.”*⁵⁹

Em virtude desse fato mencionado, compreendemos que essas manchetes ganhavam notoriedade de maneira extremamente negativa para aqueles pequenos agentes com suas brincadeiras de criança, modos de vida e comportamentos característicos da infância pobre, práticas que passam a ser conceituadas pelos poderes dominantes da cidade como algo nocivo à sociedade.



Figura 13 – Reprodução de uma imagem fotográfica da Praça Sérgio Pacheco em Uberlândia na década de 70. Imagem escaneada e cedida pelo acervo do Arquivo Público Municipal em 20/06/12, nº AE ON0009-95.

Na imagem acima é possível perceber crianças correndo, fazendo algazarras e até se refrescando no grande lago artificial da Praça Sérgio Pacheco na década de setenta, práticas que incomodavam setores da elite que acreditavam que aquele local fora construído apenas para contemplação. Entretanto, as crianças iam até lá, faziam algazarras, corriam e brincavam com seus folguedos infantis.

⁵⁹ Lago da praça transformado em piscina pública. Jornal Correio de Uberlândia, nº 12.262, ano XLI, 31 de Março, 1977, 1ª página.

Nessa perspectiva, a imprensa escrita ia destacando sentidos de dominação para o local, forjando conceitos como vadiagem, malandragem e marginalidade, juízos de valores que ia preocupando, inquietando e traduzindo um incômodo para alguns setores elitistas da cidade em relação a essas práticas. Dessa forma, a imprensa ia traduzindo sentidos para o local.

Ao longo desse diálogo com a imprensa, foi possível perceber que sob o ponto de vista dominante, aqueles meninos pobres ao buscarem diversão no lago artificial da Praça, estariam contrariando o que seria para eles a “utilização correta” daquele lugar onde pessoas buscavam o local para repouso e descanso. Dessa forma somos levados a acreditar que apesar desses lugares serem públicos, eram extremamente controlados por grupos de poder em tempos de Ditadura Militar.

Nessa busca pelas práticas e experiências de lazer da população trabalhadora da cidade, fui encontrando em outros registros para além dos jornais como os Processos da Câmara Municipal, pelo qual foi possível perceber que essa documentação investigada não fazia mais do que confirmar, sistematizar aquelas coibições de experiências da infância pobre da cidade, como o futebol e a soltura de pipas em locais públicos em ruas e praças como a Sergio Pacheco que, conforme pude evidenciar, constituía um palco amplo para essas práticas e comportamentos da infância, mas que aos pouco iam sendo restringidas, coibidas por uma política de dominação e controle do espaço urbano. Nesse sentido, grupos dominantes da cidade iam tentando com suas estratégias de poder suprimir aquilo que para nós pode significar como sendo uma das poucas alegrias que a vida urbana oferecia àquelas crianças pobres.

Conforme o diálogo com essa documentação oficial, no intuito de conseguir aprovação da Câmara para a restrição dessas práticas no centro da cidade, projetos eram discutidos e analisados nos bastidores das relações de poder, como o artigo primeiro da proposição de Lei nº 49/74, no qual propõem que se aprovado a referida lei, ficaria então

“... proibida a soltura de pipas e papagaios confeccionados em qualquer material e a prática de futebol em vias públicas e logradouros dentro do perímetro urbano da Cidade.”⁶⁰

⁶⁰ Proíbe a soltura de pipas e papagaios confeccionados em qualquer material e prática de futebol em vias públicas e logradouros, dentro do perímetro urbano. Processo 3593, ano 1974, cx. nº 173. Processos da Câmara Municipal de Uberlândia. Arquivo Público Municipal.

Essa lei analisada pode ser compreendida como um dos mecanismos que as classes dominantes tentavam construir para demarcar aquilo que pode e o que não pode no espaço urbano, buscando assim normatizar o uso do espaço que é público. Ao justificarem suas propostas de controle do uso desses locais urbanos, tentava também fazer a população acreditar que agindo assim, estariam buscando preservar além daquelas crianças, a integridade física dos habitantes que ficavam expostos a perigos que segundo a linguagem deles, aquelas brincadeiras poderiam acarretar. De acordo com a fala justificativa feita pelo autor do referido projeto,

*“Sendo a soltura de pipas e papagaios assim como o praticado futebol de ruas, os folguedos mais apreciados pela nossa juventude, facial é de se imaginar o perigo constante a que se expõem quando assim se divertem”.*⁶¹

Ao referir o quanto as crianças e adolescentes apreciavam essas práticas como o futebol e a soltura de pipas nas áreas urbanas, o vereador deixa claro a importância dessas atividades para aqueles meninos e, ainda assim, procurava proibir, restringir o uso do espaço público.



Figura 14- Meninos jogando futebol em praça pública. Fragmento do Jornal Correio de Uberlândia nº 12.904. ano XLIII, 07/08 junho 1980.p.1

Essas medidas podem ser consideradas até certo ponto injustas, se analisarmos já serem bem escassas as opções de lazer que o espaço urbano oferecia aos meninos e jovens adolescentes filhos da classe de trabalhadores. E com a proibição, até mesmo essas poucas opções estavam tentando ser retiradas. Sem levar em conta que esses comportamentos,

⁶¹ Idem. Justificativa do vereador Orestes Claudio Fernandes, autor do projeto de lei que proibia a soltura de pipa e o futebol dentro do perímetro urbano, Sala de sessões, 22 de agosto de 1974.

brincadeiras e folguedos da infância, constituíam experiências, formas de convivência que aos pouco iam estreitando laços de identidade, criando afetos no cotidiano das relações urbanas. Esses costumes infantis agregam sentidos, significados e expressam valores que aos pouco iam se revelando nos modos de vida da população trabalhadora da cidade, práticas que existiam nos modos de viver, nas redes de sociabilidade da população trabalhadora, no uso do centro e nas suas convivências sociais.

Assim, ao fazer uma leitura a contrapelo em registros sociais como os jornais, pude compreender que quando eles têm a necessidade de criminalizar essas práticas infantis, é porque elas realmente existiam, entretanto segundo a fala desses registros, elas transgrediam aquilo que diziam ser a cidade ideal que estavam tentando imprimir. Ao mesmo tempo em que a imprensa fazia alusão a esses comportamentos como sendo um problema social, ia projetando sobre os fatos, o que seria na visão deles, a cidade ideal.

Nesse movimento contraditório, foi possível perceber que a imprensa escrita de época numa conjuntura com os poderes dominantes da cidade procurava demonstrar através de uma ampla difusão a ideia de que aquela não era a cidade que queriam. O grande problema é tentar identificar qual era a cidade que os poderes dominantes estavam querendo organizar em função daquela cidade que já existia. É possível compreender que essa relação entre a imprensa e os sentidos ali construídos e disseminados possuem significados amplos, e cabe a nós, historiadores, assumirmos nossa responsabilidade em procurar identificar esses sentidos, averiguar fatos e fundamentos, desvendar através das evidências históricas, as disputas pelo espaço que é também de ideias, numa teia de relações conflituosas.

Compreendo que se a ideia que tentavam disseminar de que a Praça Sergio Pacheco fora construída para ser um lugar “saudável” para o repouso de seus frequentadores. Entendemos que também o era para os filhos de trabalhadores que ocupavam as ruas e praças com suas práticas e modos culturais de convívio público, e que, possivelmente não tinham outras opções de divertimentos a não ser o que o espaço urbano lhes oferecia.

A partir de indagações que surgiam, fui ampliando reflexões. O que me incomodava era para onde iam aqueles meninos pobres quando não estavam no centro da cidade, onde brincavam, e o que o espaço urbano oferecia para o lazer desses filhos de trabalhadores já que no espaço das ruas e praças centrais elas estavam sendo restringidas, sofrendo coerção através de uma linguagem dominante da imprensa que ia desfavorecendo aqueles pequenos agentes.

Assim, pude observar que grupos de poder com suas artimanhas e estratégias por meio da difusão, iam interferindo nos valores, modos de viver desses pequenos agentes em forma de legitimação de práticas de dominação sobre os dominados.

De acordo com esses registros sociais, aquilo que vamos chamar de experiências e comportamentos sociais de meninos filhos de trabalhadores ia despontando em manchetes de primeira página como práticas de vadiagem, mendicância e até como “prenúncios” de marginalidade. Conforme a fala de um desses jornais investigados, os poderes da cidade assim como o Juizado de Menores precisava

“... tomar pé dessa situação e acabar enquanto é tempo com a presença de menores no centro da cidade, esmolando principalmente em nossas casas comerciais e bares (...) evitar que os adolescentes e mesmo menores venham a cair no submundo do crime, abraçando a malandragem e tornando-se criaturas inúteis na comunidade em que vivem.”⁶²

Desta forma, é possível pensar que esses agentes da imprensa num dado de conjuntura com poderes dominantes da cidade, iam divulgando em forma de denúncia e convencimento da população, de que aquelas práticas eram prejudiciais à ordem pública e não estavam combinando com a imagem de uma cidade ordeira e progressista que estavam tentando construir. Dessa forma, foi possível perceber que linguagens formuladoras de conceitos iam despontando aos pouco em forma de dominação e controle do espaço público, em que grupos que se diziam poderosos agiam o tempo todo como se o espaço público fosse um bem



Figura 15 - Fragmento do jornal “Correio de Uberlândia” onde a infância pobre é retratada nas calçadas do centro da cidade . 16 de janeiro de 1970. 1ª página.

⁶² Menores voltam a esmolar. Jornal Correio de Uberlândia, nº 12.276, ano XXXVIII. 03 Set. 1974. 1ª página

privado. Ora, entendo que se aqueles meninos de classe pobre não poderiam frequentar praças e avenidas que são lugares públicos, então, por muito menos poderiam adentrar clubes privados instituídos para o requinte das famílias “ilustres” da cidade, como o Praia Clube, Cajubá entre outros lugares “bem frequentados” segundo uma linguagem preponderante da imprensa, em que para um visitante entrar era necessário ser apresentado por um sócio e ainda exibir “normas de conduta”.⁶³ No diálogo com esses registros sociais busquei encontrar qual o modo, o sentido para o lazer que a imprensa busca difundir quando colocam esses clubes privados como referência e para quem eram destinados. Abaixo, podemos identificar na reprodução de um cartão postal o cotidiano do Praia Clube na década de 70. Essa imagem procura evidenciar o lazer de pessoas de classe média da cidade invoca a noção de que nesse



Figura 16 – imagem de um cartão postal retratando o cotidiano do Praia Clube na década de 70. Imagem nº AE ON4424-95, cedida pelo acervo do Arquivo Público Municipal em 20/06/2012.

espaço todos estão bem comportados dentro de um lugar limpo e organizado. Nele, é possível entrever crianças divertindo sob a proteção de seus pais ou familiares num clima de tranquilidade entre os usuários desse clube privado de lazer.

No que concerne ao lazer da população trabalhadora, a reflexão que coloco é: se a intenção dos poderes dominantes era restringir, proibir e assim retirar os meninos pobres com suas práticas e comportamentos comuns das ruas e praças do centro da cidade, para onde iriam aqueles pequenos agentes? Qual seria o espaço “adequado” para eles dentro daquela ideologia dominante? E o que a cidade lhes oferecia em termos de lazer? São essas questões que aquecem e fomentam essa reflexão.

⁶³ Show da cidade. Mariza B. Alves. Jornal Correio de Uberlândia, ano XXXVII, nº 12.072, 28 de Junho, 1973. p.7

Ao longo desse processo de investigação fui apreendendo no diálogo com os registros sociais, numa leitura a contrapelo que no passado, havia também outros espaços de sociabilidade como rios e córregos urbanos, locais de lazer da população trabalhadora da cidade onde a infância pobre, jovens e adolescentes iam nadar e fazer piquenique com a família, enfim, refrescar em dias de intenso calor em suas horas de folga. Comportamentos comuns, práticas sociais de lazer da população trabalhadora, ações que faziam parte do cotidiano das relações vividas e que podiam ser reveladas em diferentes locais como o Rio Uberabinha, a Represa de Sucupira, espaços públicos urbanos que atraíam relações de sociabilidade e pertencimento.

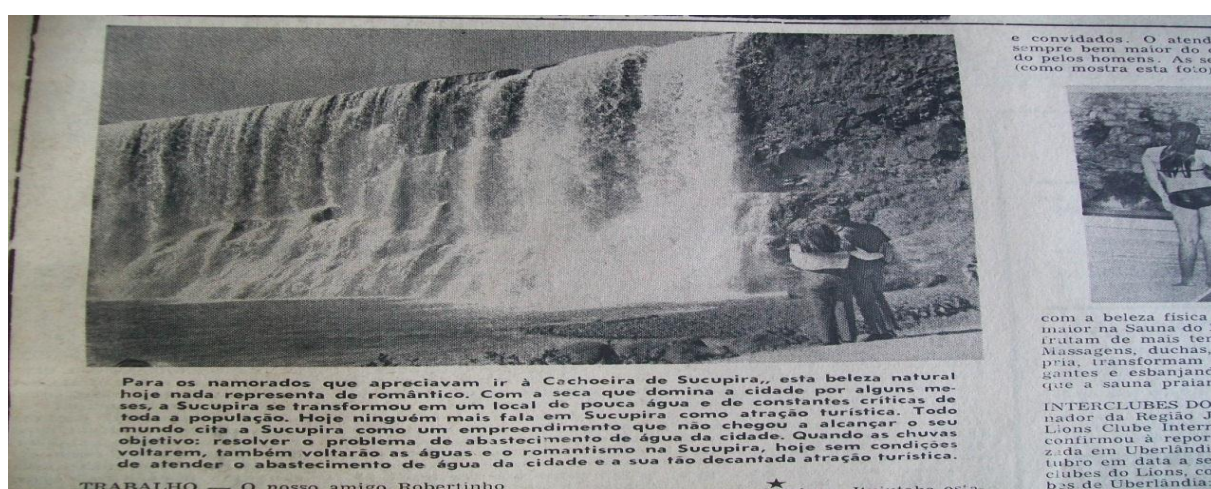


Figura 17 - Imagem da Cachoeira de Sucupira. Fragmento do Jornal Correio de Uberlândia nº 12 536 ano XXXIX 27/28 set /1975 p.3. Arquivo Público Municipal

Para compreender como se davam essas relações, analisei como a imprensa divulgava essas práticas que eram criminalizadas por eles e que para nós, representam práticas sócio/culturais, modos de vida dos trabalhadores da cidade.

Nessa busca, pude encontrar nas entrelinhas dos noticiários dos jornais de época, que muitos jovens e crianças filhos de trabalhadores na tentativa de refrescar do intenso calor, buscavam diversão nos rios e córregos da cidade, espaços urbanos, onde alguns adolescentes na ânsia de nadarem nesses rios acabavam extinguindo suas vidas devido à profundidade e as fortes correntezas daquelas águas. Nessa leitura, percebi que muito embora perdendo a vida, os jornais atribuíam a esses pobres agentes a culpa pela própria sorte ao noticiarem que os indivíduos ao frequentarem aqueles lugares,

...“não se atentavam ao perigo eminente arriscando-se por própria conta ao mergulharem naquelas águas profundas”.⁶⁴

Desse modo, as imagens e linguagens disseminadas pelos jornais, vão demonstrando algo inédito, como a tentativa de perda de valores de pessoas menos favorecidas que além de serem privados da existência ainda eram caracterizadas por “falta de responsabilidade”. Na maneira como isso era divulgado, podemos deduzir que uma imprensa extremamente elitista ia buscando isentar os poderes municipais de culpabilidade ou quem sabe, da falta de suporte e segurança para a população naquelas ditas “áreas de risco”.



Figura 18 - Recorte do Jornal Correio de Uberlândia nº 12.615, ano XXXIX, 27 de janeiro, 1976.p.1

Ao longo desse processo de investigação, procurei em outros registros como nos Processos da Câmara Municipal, em que foi possível pensar que para justificar aquela carência de estrutura e segurança em determinadas áreas urbanas como os córregos e rios, a Administração Pública daquele período determinou a construção de uma “piscina pública” edificada e cimentada dentro do Rio Uberabinha ao lado da “Ponte do Marquinho” no Bairro Tubalina.

De acordo com os idealizadores daquela obra, a piscina iria proporcionar lazer e recreação principalmente à população mais pobre. Segundo a linguagem do prefeito da administração

⁶⁴ Intenso calor registra afogamentos na cidade. Jornal Correio de Uberlândia, nº 12.615, ano XXXIX, 27 de Janeiro, 1976 p.1

vigente, a população trabalhadora poderia naquele local participar daquilo que tem direito, ou seja; ter condições de usufruir de banhos públicos.⁶⁵ Conforme as palavras do prefeito,

“... Estamos procurando levar aos menos favorecidos da sorte, condições de recreação idênticas às pessoas que tem condições de frequentar clubes de nossa cidade (...) condições de usufruírem de banhos públicos dentro de padrões fixados pela saúde pública e de acordo com projetos elaborados.”⁶⁶

Podemos entender desta forma, que ao represar as águas do Rio Uberabinha, os poderes municipais acreditavam estar favorecendo a população mais pobre “dando condições idênticas” de recreação iguais às outras pessoas que frequentam os clubes sociais da cidade. Além disso, foi possível encontrar nesse registro um paradoxo interessante onde ao mesmo tempo em que coíbem a população de divertirem nesses espaços naturais urbanos, alegam que ela possui o “direito” em frequentá-los. Essa forma de linguagem analisada nos remete a ideia da existência de fortes desigualdades sociais na cidade aonde os ricos vão aos clubes nadar e os pobres para os rios. Todas essas questões me levaram ao local onde, no passado, havia a “piscina pública” ao lado da ponte do Marquinho no Bairro Tubalina, local onde registrei a imagem abaixo.



Figura 19 - Rio Uberabinha. Imagem capturada por mim em 05/08/12 num período de estiagem. Nela é possível identificar vestígios de um cimentado submerso em seu leito, onde pode-se visualizar uma pequena queda d’água.

⁶⁵ Autoriza construção de vestiários (para usuários da Piscina Pública no Rio Uberabinha). Proposição de Lei nº60/72, Lei nº 2105/72 de 17/08/72. Processo 3264, 1972, cx. nº 158. Prefeitura Municipal de Uberlândia. Projeto de Lei nº 201/72 de 1º de Agosto de 1972. Câmara Municipal de Uberlândia, Parecer da Comissão de Finanças, Justiça e Legislação. 03 de Agosto de 1972. Processos da Câmara Municipal de Uberlândia. Arquivo Público Municipal.

⁶⁶ Idem. Carta de exposição justificativa do Prefeito Virgílio Galassi.

Enquanto isso acontecia, a cidade crescia e com ela a população aumentava conforme foi possível identificar através de diálogos com a documentação oficial da Prefeitura, na qual a linguagem dizia que a cidade estava ficando “pequena demais” e carecia de maiores espaços para diversão da população.

Nessa trajetória de pesquisa fui percebendo que o ano de 1978 constituiu cenário para a entrada de novas configurações para o lazer e recreação da população da cidade. Os registros oficiais da Prefeitura indica que naquele período, a Câmara Municipal sanciona uma lei permitindo a criação de uma área destinada para o lazer localizada na região central. Segundo essa documentação, algumas vias públicas como parte da Avenida Afonso Pena entre as ruas Goiás e Olegário Maciel e também a Rua Santos Dumont entre as Avenidas João Pinheiro e Floriano Peixoto, seriam consideradas áreas públicas de lazer em dias e horários determinados pelos poderes municipais. De acordo com esse registro, essas vias públicas seriam vetadas ao trânsito de veículos para que fosse permitida a exibição de conjuntos e bandas musicais, rodas de samba entre outras formas de recreação popular, programadas pela Prefeitura. Desta forma, o parágrafo único do art. 1º dessa lei cita que naquelas referidas áreas

“... Fica vetado o trânsito de veículos, permitindo-se aos bares e lanchonetes, o uso de mesas nos passeios públicos e nas vias carroçáveis, localizados em frente dos seus estabelecimentos, bem como o comércio de guloseimas por vendedores ambulantes na mencionada via.”⁶⁷

Nessa documentação analisada, foi possível pensar que esse espaço “criado” no centro foi uma tentativa dos poderes em normatizar práticas que já aconteciam no uso do centro, nos modos de viver, nas redes de sociabilidades da população. Desta forma podemos acreditar que quando “liberam” estes locais para o lazer significa também que estão definindo, restringindo usos do espaço para o consumo e não para o divertimento de uma maneira geral como a prática do futebol, como nos indica a fala do artigo terceiro daquele referido processo:

“... Fica proibida nas programações de lazer a serem feitas pela Prefeitura, conforme o artigo anterior, a prática de futebol sob qualquer pretexto na referida área.”⁶⁸

⁶⁷ Cria área de lazer. Proposição de Lei nº 78/78, Sancionada Lei nº 2.811 de 09/06/1978. Processo 4161, ano 1978 cx. nº 204. Câmara Municipal de Uberlândia. 05 de Junho de 1978. Processos da Câmara Municipal de Uberlândia. Arquivo Público Municipal.

⁶⁸ Idem. Art. 3º

A partir dessa constatação é possível perceber que quando restringem esses locais para o “divertimento”, estão também tentando imprimir, dar outro sentido para o lazer que é o da recreação enquanto consumo, onde podemos pensar que a população podia até ir lá se divertir desde que estivesse disposta a gastar nos bares e lanchonetes que ali posicionavam suas mesas nas calçadas públicas em frente a seus estabelecimentos. Desta forma, podemos acreditar que essas atuações de grupos de poder na cidade podem ser consideradas como sendo mais uma das práticas de dominação que foram aceitas e incorporadas pelos moradores, protagonizadas por alguns setores de elite que acreditavam estar lidando com o espaço público o tempo todo como se fosse um bem privado.

Por outro lado, em se tratando de opções de divertimentos para a população trabalhadora no centro, havia os cinemas localizados nas principais avenidas conforme anúncios encontrados na imprensa.⁶⁹ Essa podia ser uma alternativa de diversão para aqueles trabalhadores que possuíam algum dinheiro no bolso para pagar o bilhete de entrada.



Figura 20 - A programação dos cinemas pode ser visualizada no lado esquerdo e inferior da página. Jornal Primeira Hora, ano II, nº357, p.7. Sessão variedades/serviço.

Comportamentos simples que se realizam no espaço público como passear pelas avenidas centrais com os amigos à noite em finais de semana olhando vitrines iluminadas eram costumes comuns da população da cidade nos anos 70 que buscavam desta forma ampliar relações sociais.

⁶⁹ Jornal Primeira Hora, ano II, nº357, p.7. Sessão variedades/serviço.

Dado esse exposto sobre as opções de lazer para a população trabalhadora no centro, é possível perceber que essa não é a cidade do presente onde ao longo do tempo o espaço foi sendo remodelado em função da cidade do fluxo, do movimento. Não se vê mais cinemas no centro, as praças e avenidas da cidade funcionam para circulação de carros e pessoas que passam apressadas revelando a cidade do capital. Hoje para quem caminha pelas largas avenidas centrais à noite ou em finais de semana não consegue apreciar artigos nas vitrines das lojas como no passado, pois as portas comerciais são fechadas após o horário comercial. Nas calçadas das avenidas onde outrora desfilavam jovens enamorados e adolescentes há um esvaziamento de pessoas que com isso somos levados a acreditar, se deslocam para outros espaços como os imensos shoppings centers construídos como lugares de consumo e consumo de lugar, que acolhem produtos e pessoas, locais ornamentados que vão atraindo, cada vez mais, consumidores de mercadorias e consumidores do espaço. Nesse sentido, retomo fundamentos teóricos de H. Lefebvre quando reflete que

“... o aglomerado dos objetos nas lojas, vitrinas, mostras, torna-se razão e pretexto para a reunião das pessoas; elas veem, olham, falam, falam-se. É esse o lugar de encontro, a partir do aglomerado das coisas.”⁷⁰

Assim, podemos perceber que tanto no passado como no presente, as pessoas buscam através da centralidade urbana possibilidades de novas relações sociais, lugares de encontros e sociabilidades.

No passado, enquanto práticas aconteciam no centro, nos arredores da cidade havia convivências sociais como as quermesses organizadas pelos trabalhadores que seguiam a cultura moral, o calendário cristão. Esses eventos eram constituídos nos espaços das igrejas onde entendemos que o sentido do lazer também passa por esses valores.

Nessa perspectiva, pude perceber fazendo uma leitura a contrapelo na imprensa, notas curtas de quarta página do Jornal Correio de Uberlândia ⁷¹ no qual se enunciava eventos para as comunidades dos bairros, como as galinhadas beneficentes, os festejos religiosos que eram realizados nas paróquias onde a população era convidada a participar de eventos cristãos, como assistir à missa e acompanhar a procissão em homenagem ao santo padroeiro. Essas festividades eram compartilhadas pela comunidade que se divertia tentando arrematar prendas no leilão ou comprando guloseimas nas barraquinhas beneficentes. Nessas festividades os

⁷⁰ LEFEBVRE, Henri. Perspectiva ou Prospectiva? In: O Direito à cidade. São Paulo, Editora Moraes Ltda. 1991 pp. 130-1

⁷¹ Jornal Correio de Uberlândia, nº 12.228, ano XXXVII, 26/27 de Janeiro, 1974. p.4

“correios elegantes” faziam a alegria de jovens enamorados. Tais eventos eram realizados em barracões construídos pelas igrejas no intuito de angariar recursos para a paróquia do santo padroeiro. Ao longo desse diálogo foi possível compreender que essas experiências sócio/culturais iam ampliando relações numa rede intrínseca de sociabilidades.

Nesse mesmo registro e página, percebi que havia outras opções para o lazer dos trabalhadores onde uma pequena nota convidava a população a assistir às batucadas das rodas de samba que aconteciam em determinados locais públicos, realizadas pelas escolas de samba. Conforme pude perceber, esses anúncios eram entremeados por propagandas de empresas de capital preponderantes na cidade que tomavam quase todo espaço da página com letras grandes em negrito como forma de chamar a atenção dos leitores, conforme esse recorte do jornal investigado abaixo.



Figura 21 – Notas divulgando eventos para os trabalhadores nos bairros. Jornal Correio de Uberlândia, nº 12.228, ano XXXVII, 26/27 de janeiro, 1974. p.4

Nessa leitura, foi possível perceber que os eventos destinados à classe trabalhadora da cidade iam tentando disputar a atenção dos leitores dos jornais em contraponto com acontecimentos preparados para a classe de pessoas ricas da cidade, em que notícias de primeira página propagandeavam bailes suntuosos organizados nos clubes. Um exemplo é o tradicional evento para a alta sociedade “Baile da saudade” realizado anualmente como a

grande atração do Praia Clube, que segundo o registro era frequentado pela “nata” da sociedade uberlandense ⁷².



Figura 22 - Reportagem de primeira página divulgando atrações do Praia Clube. Jornal Correio de Uberlândia nº 12.298, ano XXXVIII, 1974,

Nesse sentido, luxuosos eventos dançantes em clubes como o “Cajubá” também ganhava destaque nas primeiras páginas da imprensa, no qual jantares eram preparados com pompas e circunstâncias destinados aos membros associados com seus convidados ilustres, como o Governador Rondon Pacheco que segundo a linguagem difundida por esse registro social,

“... fazia ali confidências de amizade enquanto a lua pálida se escondia atrás das nuvens e a cidade formava a moldura maravilhosa da paisagem do Cajubá”. ⁷³

Nessa perspectiva, podemos entender que as experiências sociais dos moradores da cidade no período recortado, iam pouco a pouco sendo tecidas historicamente num embate de relações de classe.

Recuperar as ações dos sujeitos, buscar os sentidos que os diferentes sujeitos sociais possuem, suas maneiras de intervir no real através do diálogo com as evidências do passado não constitui tarefa fácil, exige pesquisa e dedicação. Nesse sentido, enxergar a diferença mesmo que de longe através do tempo, na grande dimensão do social transformou-se, para mim, num desafio instigante.

⁷² Baile da saudade, a grande atração do Praia Clube. Jornal Correio de Uberlândia, nº 12.298, ano XXXVIII. 5/6 de Outubro, 1974, 1ª página.

⁷³ Uma noite no Cajubá. Por Luiz Fernando. Jornal Correio de Uberlândia, nº 123.395, ano XXXIX, 5 de Março, 1975. p.6.

Ao longo dessa reflexão, penso que se por um lado o sentido do lazer prevaleceu na construção dessa imagem disseminada pela imprensa e pela documentação oficial investigada, foi possível perceber através desses registros, que os poderes dominantes, restringiam diferentes práticas que havia no centro da cidade, como o futebol nas ruas e praças, a soltura de pipas que hoje podem até serem vistas em bairros mais afastados, mas não no centro onde essas práticas não acontecem mais.

Ao caminhar hoje pelo centro, é possível perceber que alguns espaços urbanos do passado como ruas e praças, passaram por ressignificações, revelam a cidade do presente, do fluxo, do automóvel. Não quero com isso dizer que as crianças deixaram de brincar nas ruas e praças, pois as relações urbanas não se desvinculam dos espaços sociais. A grande reflexão que coloco é que essas práticas estão cada vez restritas a bairros mais afastados, locais que assim como no passado, ainda não possuem infraestrutura adequada nem condições dignas de moradia.

Ao longo dessa trajetória de pesquisa foi possível apreender que essa concepção de espaço criado pela ação política não é nova e muito menos específica de um único lugar, ela vem do passado onde projetos são idealizados e tecidos de acordo com a teia de relações e de interesses das classes dominantes. O modo como isso é pensado e vivido por diferentes classes sociais é o que diferencia nossa reflexão.

Nessa reflexão fui compreendendo que os costumes e comportamentos urbanos foram através do tempo se traduzindo em contrastes e desigualdades sociais. É nesse contexto urbano heterogêneo que de acordo com LEFEBVRE a cidade pode ser compreendida como uma arena social onde os detentores do poder sentem-se ameaçados. No entanto, os embates que emergem dessas relações conflituosas não conseguem impedir o apego à cidade, e acabam até mesmo reforçando o sentimento de pertencimento de seus moradores.⁷⁴

⁷⁴ LEFEBVRE, Henri. Industrialização e Urbanização. Noções preliminares. In: O Direito à cidade. São Paulo, Editora Moraes Ltda. 1991. pp 5-6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos observados e mencionados ao longo dessa trajetória de pesquisa, foi possível compreender que o Complexo Parque do Sabiá hoje pode ser considerado como um espelho que reflete o panorama político e sociocultural de uma cidade, como Uberlândia.

Ao longo desse percurso de investigação, embasada em diálogos e reflexões teóricas de estudiosos como E.P. Thompson entre outros autores, compreendi que necessitava fazer escolhas, seguir trilhas partindo de indagações do real apreendido que me levou a buscar a história social em seu movimento. Nesse trabalho procurei através de registros sociais como a imprensa, documentações oficiais da Prefeitura entre outros materiais históricos, compreender como foi sendo tecido no emaranhado das relações sociais, o sentido do lazer para a população trabalhadora de Uberlândia dentro das experiências e costumes comuns, num período de intensas transformações pelo qual passava o espaço na cidade.

Dentro desse movimento contraditório, pude perceber que imagens da cidade iam sendo construídas a partir de pressupostos e interesses de alguns grupos de poder num período em que vários projetos paralelos eram pensados, discutidos e ao mesmo tempo propagados em larga escala onde a imprensa como uma forte agente difusora, ia procurando em suas primeiras páginas evidenciar uma visão futurística da cidade norteadas por “grandes obras” que naquele período, segundo a linguagem disseminada, já começava a despontar nos novos horizontes e alavancava o desenvolvimento da cidade.⁷⁵

Nesse caminho percorrido, o maior desafio constituiu em conseguir encontrar no emaranhado dos noticiários, as práticas sociais e vivências dos trabalhadores da cidade, afinal, eles não “apareciam” da mesma forma como as outras reportagens. A falta de registro sobre os trabalhadores dificultou a abordagem, no qual tive que fazer uma leitura a contrapelo exigindo esforço e abnegação de pesquisadora, para finalmente fazer com que meu objeto de pesquisa aparecesse em meio a relações contraditórias.

⁷⁵ Uberlândia é desenvolvimento marcante no Triângulo. Transformações radicais em todos os setores. A metrópole se avizinha. Jornal Correio de Uberlândia, ano II, nº 12.659. 13 de Junho de 1979. p. 8. Arquivo Público Municipal.

Estudar a temática que envolve a constituição do Parque como um espaço na cidade, transformou-se em desafio enriquecedor, proporcionou-me compreender que esse agente abarca relações que ultrapassam seus alambrados, e que isso não é algo novo, vem de um passado carregado de histórias e memórias, experiências e vivências sociais dos diversos sujeitos que o compõem. E no limite, possibilitou reflexões sobre as relações vividas, comportamentos da população trabalhadora da cidade, práticas que constitui a cultura urbana.

Nesse trabalho, procurei sob o viés dos sujeitos, compreender como foi sendo entrelaçados os projetos políticos e sócio/culturais para a cidade na década de setenta, no qual foi possível perceber a presença naquela sociedade de uma imprensa extremamente elitista que, num dado de conjuntura com o poder público ia construindo e tecendo projetos sobre a cidade com linguagens preponderantes, e que paradoxalmente ia promovendo através de manchetes em forma de controle, um apagamento de lugares e experiências sociais que aconteciam em vários espaços da cidade. Nessa reflexão, foi possível pensar que as imagens sobre a cidade eram construídas não como parte do real, mas como subterfúgios, interesses das classes dominantes.

No elo dessa corrente, busquei encontrar o fio condutor que me levaria a conhecer o perfil da cidade. E, na medida em que dialogava e problematizava os registros sociais, surgiam reminiscências de um passado no qual ia me reconhecendo, encontrando minha própria experiência de vida enquanto agente social migrante na década de setenta, ao incorporar emoções, valores e experiências dos sujeitos sociais numa teia de relações contraditórias. Nesse viés, foi possível refletir criticamente sobre os pressupostos e interesses de grupos de poder na cidade onde pude compreender que, em relação às disputas pelo espaço, o que foi “aparecendo” é que a noção de lazer para os trabalhadores da cidade foi sendo constituída a partir de intervenções do poder público como algo que deveria ser fechado, organizado e institucionalizado no Parque.

Concluir esse trabalho de pesquisa não constitui tarefa fácil, afinal, a temática que envolve o Parque do Sabiá enquanto espaço social propõe expectativas amplas, abre um leque de possibilidades e reflexões no campo da pesquisa histórica, questões que ainda necessitam ser pensadas e analisadas. É imprescindível que enquanto historiadores, possamos assumir a nossa responsabilidade de pensarmos esses espaços como projetos inacabados e avaliados com critérios de reflexão que sejam adequados ao nosso tempo, mas que não nos esqueçamos de incluir os sujeitos sociais que lá estão ampliando relações vividas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. **Sobre História: Imprensa e Memória**. In: Outras histórias: memórias e linguagens (org) Laura Antunes Maciel; Paulo Roberto de Almeida; Yara Aun Khoury. São Paulo: Olho D'água. 2006, pp 262-272.

FENELON, Déa Ribeiro. **Cultura e história social: historiografia e pesquisa**. In: Projeto História 10. Revista do programa de estudos Pós –Graduados em História e do departamento de História da PUC/SP, 1993,pp. 73-90.

_____. **Introdução**. In: Cidades, Pesquisa em História. Programa de Estudos Pós-graduados em História. PUC/SP. São Paulo: Olho D'Água, 1999, pp.5-13.

KOSSOY, Boris. **Procedência e Trajetória do Documento Fotográfico**. In: Fotografia e História. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. pp.74-5.

LEFEBVRE, Henri. **A forma urbana**. In: A Revolução Urbana, cap. VI, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999,pp.107-121.

_____. **Industrialização e Urbanização. Noções preliminares**. In: O Direito à cidade. São Paulo: Editora Moraes Ltda, 1991 pp. 3-26.

_____. **Perspectiva ou Prospectiva?** In: O Direito à cidade. São Paulo: Editora Moraes Ltda. 1991 pp. 119-135.

ROLNIK, Raquel. **Estado, cidade, cidadania**. In: O que é cidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 3ª ed. 1994, pp. 53-71.

_____. **Separar e reinar. A questão da segregação urbana**. In: O que é cidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 3ª ed. 1994. pp.40-53.

SAMUEL, Raphael. **Documentação, História local e História Oral**. In: Revista Brasileira de História, v. 9 nº 19. São Paulo: Set.89/Fev. 90. pp.219-243.

THOMPSON, E.P. **Intervalo: a lógica histórica**. In: A Miséria da Teoria; ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, pp. 47-62.

_____. **O termo ausente: Experiência**. In: A miséria da Teoria. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A. 1981, pp 180-201.

VIEIRA, Maria do Pilar Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. (orgs.) **Introdução**. In: A Pesquisa em História. São Paulo: Editora Ática, 1991. pp. 7-11.

_____. **Documento como expressão da experiência humana**. In: A Pesquisa em História. São Paulo: Editora Ática, 1991, pp.17-18.

FONTES

IMPRENSA

Baile da saudade, a grande atração do Praia Clube. Jornal Correio de Uberlândia, nº 12.298, ano XXXVIII. 5/6 de Outubro, 1974, 1ª página.

Concorrência Pública para a construção do estádio Municipal. Jornal Correio de Uberlândia, ano XLII, nº 12.632. 05-06 de Maio de 1979, 1ª página.

Duas obras paralelas: Estádio Municipal e Parque do Sabiá caminham para ser realidade. Jornal Correio de Uberlândia, nº 12.485. 30-09/ 01-10, 1978, 1ª página.

Estádio Municipal será realidade em 18 meses. Jornal O Município, suplemento informativo dos Poderes Municipais, ano 3, nº 74. Uberlândia, 20 de Maio 1979, p.1. Anexado ao Jornal Correio, Maio, 1979.

Favelas: Contradições do crescimento urbano. Jornal Primeira Hora, ano II nº 323. 17 de Outubro de 1982. p.3.

Festejos religiosos; Galinhada para o padroeiro; Roda de samba na exposição. Jornal Correio de Uberlândia, nº 12.228, ano XXXVII, 26/27 de Janeiro, 1974, p.4.

Intenso calor registra afogamentos na cidade. Jornal Correio de Uberlândia, nº 12.615, ano XXXIX, 27 de Janeiro, 1976, 1ª página.

Lago da praça transformado em piscina pública. Jornal Correio de Uberlândia, nº 12.262, ano XLI, 31 de Março, 1977, 1ª página.

Mais de cem mil pessoas visitaram o Parque do Sabiá no dia da inauguração. Jornal Correio de Uberlândia, nº 13.507, 09 de Novembro 1982, 1ª página.

Menores voltam a esmolar. Jornal Correio de Uberlândia, nº 12.276, ano XXXVIII. 03 Set. 1974, 1ª página.

Milhares foram ao Sabiá, mas poucos ouviram discursos. Jornal Primeira Hora, ano II, nº 338. 09 de Novembro de 1982, p.4.

Parque do Sabiá pode ser inaugurado em Novembro. Jornal Primeira Hora, ano II, nº 328. 24 de Outubro de 1982, p.3.

Parque do Sabiá será inaugurado Domingo às 9 horas e com sorteio. Jornal Correio de Uberlândia, ano 45, nº 13.504. 04 de Novembro de 1982, 1ª página.

Praça Tubal Vilela, cartão de visita. Jornal Correio de Uberlândia, nº 12.364, ano XXXVIII, 17 de Janeiro, 1975, 1ª página.

Show da cidade. Por Mariza B. Alves. Jornal Correio de Uberlândia, ano XXXVII, nº 12.072, 28 de Junho, 1973, p.7.

Uberlândia é desenvolvimento marcante no Triângulo. Transformações radicais em todos os setores. A metrópole se avizinha. Jornal Correio de Uberlândia, ano II, nº 12.659. 13 de Junho de 1979 p. 8.

Uma noite no Cajubá. Por Luiz Fernando. Jornal Correio de Uberlândia, nº 123.395, ano XXXIX, 5 de Março, 1975, p.6.

Virgilão será a alegria do povo. Jornal Correio de Uberlândia nº 13.304, ano 44. 16 de Janeiro de 1982, p.6.

PROCESSOS DA CÂMARA MUNICIPAL

Autoriza construção de vestiários (para usuários da Piscina Pública no Rio Uberabinha). Proposição de Lei nº60/72, Lei nº 2105/72 de 17/08/72. Processo 3264, 1972, cx. nº 158. Prefeitura Municipal de Uberlândia. Projeto de Lei nº 201/72 de 1º de Agosto de 1972. Câmara Municipal de Uberlândia, Parecer da Comissão de Finanças, Justiça e Legislação. 03 de Agosto de 1972. Arquivo Público Municipal.

Autoriza obras do Parque do Sabiá, abre crédito especial e contém outras providências. (criação do Parque). Prefeitura Municipal de Uberlândia. Exposição Justificativa do Prefeito Virgílio Galassi, 17 de Maio de 1977. Proposição de Lei nº 21/77, Lei nº 2.621 de 02/06/1977, Processo 3946, ano 1977, cx. nº 193. Arquivo Público Municipal.

Cria a Fundação Uberlandense do Turismo, Esporte e Lazer (FUTEL). Processo 4100, ano 1978, cx. nº 201. Processos da Câmara Municipal de Uberlândia. Arquivo Público Municipal.

Cria área de lazer. Proposição de Lei nº 78/78, Sancionada Lei nº 2.811 de 09/06/1978. Processo 4161, ano 1978 cx. nº 204. Câmara Municipal de Uberlândia. 05 de Junho de 1978. Arquivo Público Municipal.

Destina local para construção do Estádio Municipal (em terreno de propriedade do município). Proposição de Lei nº 130/71, Lei nº 2012/71 de 26/11/71. Processo nº 3153, ano 1971, cx. nº 155. Exposição justificativa do Prefeito Virgílio Galassi. Prefeitura municipal de Uberlândia, 11 de Novembro de 1971. Arquivo Público Municipal.

Proíbe a soltura de pipas e papagaios confeccionados em qualquer material e prática de futebol em vias públicas e logradouros, dentro do perímetro urbano. Processo 3593, ano 1974, cx. nº 173. Arquivo Público Municipal.

TRABALHOS MONOGRÁFICOS

PIERINI, Fabiana Gomes. *Relações do homem com o mundo natural: O Zoológico Parque do Sabiá na cidade de Uberlândia-MG. (1982-1992)* Monografia apresentada ao curso de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Junho, 2004.

OLIVEIRA, Sueli Silva. *Parque do Sabiá: um espaço de sociabilidade e lazer.* Monografia apresentada ao curso de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, ano 2006.

REVISTAS E OUTROS MATERIAIS

MENDES, Dolores. *Em busca do bem estar.* In: Revista Correio Viver Bem (Parte integrante do Jornal Correio de Uberlândia). Uberlândia: Editora Algar Mídia, Dezembro 2011.

Panfleto de propaganda sobre o Parque do Sabiá distribuído gratuitamente à população pela Fundação Uberlandense de Turismo, Esporte e Lazer (FUTEL). Uberlândia, 2012.

SITES - INTERNET

Áreas protegidas pela legislação ambiental. Unidades de conservação. Banco de Dados Integrados vol. I, ano 2011. Secretaria Municipal de Planejamento Urbano. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/1428.pdf>. Acesso em 06/08 2012.

Complexo Parque do Sabiá. Portal da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Link Secretaria e órgãos. Secretaria do Meio Ambiente. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=secretariasOrgaos&s=51&pg=144> . Acesso em: 03/10/2013.

Estádio Municipal João Havelange. Portal da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Secretaria do Meio Ambiente. Futel. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=Futel&id=712>>. Acesso em 10/10/2013.

Número de frequentadores do Parque do Sabiá aumenta nesta época do ano. Jornal web. Farolcomunitário. Rede web de informação e cultura. Uberlândia, 08 janeiro, 2010. Disponível em: <<http://uberlandia-minas.blogspot.com.br/2010/01/-de-frequentadores-do-parque-do.html>>. Acesso em 07/10/2012.

Parque Aquático. Fundação Uberlandense do Turismo, Esporte e Lazer de Uberlândia (FUTEL). Prefeitura Municipal de Uberlândia. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/6019.pdf>. Acesso em: 17/10/2013.

Parque do Sabiá tem nova academia. Correio de Uberlândia Online. 14 fevereiro, 2012. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/.../parque-do-sabia-tem-nova-academia/>>. Acesso em: 08/10/2013.

Parques Municipais de Uberlândia. Portal da prefeitura Municipal de Uberlândia. Secretaria do Meio Ambiente. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br?pagina=secretariasOrgaos&s=51&pg=147>>. Acesso em: 15/10/2013.